



UNIVERSIDADE DA INTEGRAÇÃO INTERNACIONAL  
DA LUSOFONIA AFRO-BRASILEIRA - UNILAB  
INSTITUTO DE HUMANIDADES E LETRAS (IHL)  
BACHARELANDO EM HUMANIDADES

DANILSON ERNESTO CACULO

PROJETO DE PESQUISA  
**AIDENTIDADE CULTURAL DO POVO TCHOKWE E SUAS  
TRANSFORMAÇÕES  
(1883-1893)**

REDENÇÃO  
2018



UNIVERSIDADE DA INTEGRAÇÃO INTERNACIONAL  
DA LUSOFONIA AFRO-BRASILEIRA - UNILAB  
INSTITUTO DE HUMANIDADES E LETRAS (IHL)  
BACHARELANDO EM HUMANIDADES

DANILSON ERNESTO CACULO

PROJETO DE PESQUISA  
**A IDENTIDADE CULTURAL DO POVO TCHOKWE E SUAS  
TRANSFORMAÇÕES  
(1883-1893)**

Projeto de Conclusão de Curso  
apresentado como requisito para a  
conclusão do Bacharelado em  
Humanidades, da Universidade da  
Integração Internacional da Lusofonia  
Afro-Brasileira.

Orientador: Prof. Dr. Itacir Marques  
Luz

REDENÇÃO  
2018

## SUMÁRIO

<b>1. APRESENTAÇÃO</b>	6
<b>2. OBJETIVOS</b>	8
2.1. Objetivo geral	8
2.2. Objetivos específicos	8
<b>3. JUSTIFICATIVA</b>	9
<b>4. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA</b>	9
Narrativas e origens	10
Mobilidade e interação social	14
Tchokwe: um grupo étnico	16
Elementos culturais e identitários	19
Representação Tchokwe e suas memórias	23
Território Tchokwe no período da invasão colonial	29
<b>5. METODOLOGIA</b>	31
Tradição oral, cultura material e imaterial	32
<b>6. CRONOGRAMA</b>	33
<b>7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS</b>	34
<b>8. ANEXOS</b>	35

## 1. APRESENTAÇÃO

Os Tchokwes é um grupo étnico de aproximadamente dois milhões de pessoas que ocupava uma ampla terra dos cursos dos rios Kassai e Kuilo em meados do século XIX, com zonas estratégicas nas fronteiras angolanas, congolenses e zambiana, sendo espalhado em boa parte do território angolano. Segundo contos orais e escrito retrata a história do povo, e de como eles viveram no centro de Angola no século XVI ainda como império Lunda, o qual mais tarde sofre uma ruptura ou degradação por membros pertencentes à família real com ajuda, de alguns mais velhos que faziam parte do conselho real Lunda. A agricultura era sua principal atividade econômica, cultivando milho e outros produtos de campo, além da pesca artesanal usando as matérias produzidos por eles, que seriam então os seus recursos fundamentais, a caça, embora esta não fosse o principal produto de consumo desse grupo certamente por não adotarem métodos e técnicas específicas, se propondo a aprenderem com os povos vizinhos, atingindo assim seu estilo próprio para caçar. No final do século XIX, destaca-se a produção de elementos de representações de heróis e chefes dotados de grandiosidade e características fundamentais para a sociedade.

Predominantemente de origem bantu com hábitos e costumes, atualmente em Angola estão localizados nas províncias da Lunda Norte, Lunda Sul e Moxico, tendo se estabelecido no final do século XIX nos seus pontos estratégico lugares que são usados para descansar que é diversificado entre os trajetos feito por eles em torno das províncias mencionado acima. Desde então têm o território como quilombo onde os guerreiros defendiam claramente os interesses da comunidade, sendo totalmente organizados e caracterizados na matrilineagem. No entanto:

Segundo as narrativas, o enfraquecimento da matrilinearidade e a centralização política e mágica operada por Tchinguri mediante práticas sacrificiais se desdobram em uma profunda ruptura cosmológica, na medida em que Tchinguri e seu grupo passam a adotar práticas antropofágicas em seus acampamentos guerreiros, que os povos do planalto central viriam a denominar quilombos (MAYOR, 2010, p.36).

A diversidade de locais e as complexidades das trocas de regiões percorridas pelos Tchokwes favoreceram a atuação no plano político e cultural dos ancestrais, o que explicam os laços com grupos vizinhos que foram se identificando ao longo da sua caminhada. Desde o tempo em que era apenas o império Lunda a convivência era de

modo passivo, onde todos trabalhavam em prol da comunidade, ou seja, em que as lutas eram feitas coletivamente e nada de individualismo. Até mesmo na ramificação destes reinos os pequenos grupos étnicos que se formaram prevaleceram com a mesma forma de luta contra os outros grupos que tentassem invadir seus territórios.

Mas com todos esses acontecimentos os grupos vão sofrer transformações em suas estruturas, dando assim novos rumos a sua experiência, vindo a criar técnicas que pudessem ajudar na construção de novas identidades. Para os Tchokwes torna-se indispensável as técnicas usadas para defrontarem qualquer grupo que entrasse em conflitos com eles, desde que haja uma forma ideal para defender o espaço que eles têm como conquista própria de modo a fazer suas práticas habituais.

O presente trabalho, portanto, consiste em discutir a identidade cultural do povo Tchokwe e suas transformações, entre os anos de 1883-1893, período este que vai haver os conflitos interno nos Lundas para formação de novos grupos étnicos. Com os conflitos alguns integrantes pertencentes aos Lunda começam a abandonar o território por causa da nomeação de Ilunga como líder que detém o poder do *lukano*, esta ocupação influencia no processo de imigração do povo para outros pontos da região. Com base no estudo deste povo compreenderemos uma diferença na identidade cultural de ambos de uma forma ou de outra.

Ao realizamos esta pesquisa sobre a identidade cultural dos Tchokwe provocaremos uma reflexão de modo a compreender os hábitos e costumes deste povo, e na mesma linha entender como eram as práticas realizadas pelos ancestrais e de outro modo como estas mesmas praticas são usadas atualmente.

Os hábitos e costumes de um povo de modo em geral é o ponto de partida para entender como está organizada estruturalmente, e onde os anciões são os principais mediadores para transmissão de conhecimento da cultura. Sobretudo com a valorização e preservação da cultura o indivíduo tem a tradição como papel fundamental na construção de identidade que os caracteriza como grupo étnico, na medida em que a cultura é preservada de igual modo é divulgada para que muitos possam saber sobre os hábitos e costume do povo.

## **2. OBJETIVOS**

## **2.1. GERAL**

A pesquisa proposta tem como objetivo mais geral analisar a trajetória (séc. XVIII) do povo Tchokwe, observando os aspectos que marcaram sua configuração identitária enquanto um grupo étnico neste período (1883-1893), e como isso se consolidou como um sistema cultural então apresentado ou ensinado para a comunidade de pertencimento.

## **2.2. OBJETIVOS ESPECÍFICOS**

- Mapear a origem desse grupo étnico;
- Compreender suas formas de transmissão do conhecimento;
- Identificar os elementos culturais e identitário da cultura Tchokwe;
- Analisar as máscaras como elemento na construção dessa identidade cultural.

## **3. JUSTIFICATIVA**

A escolha deste tema surgiu inicialmente no momento em que estudava sobre os grupos étnicos de Angola e suas línguas faladas. Nessa ordem de ideia, tive então o interesse de pesquisar uma das etnias e logo a escolha foi feita para os Tchokwes, um dos grupos mais antigos surgidos no território angolano.

Uma das curiosidades era entender o que deu a separação do império Lunda e na formação de novos grupos étnicos, já que este império era aparentemente estável. Outros grupos étnicos também surgiram derivados dos Lundas, como os Imbangala e os Lubas que, mas nos interessa nesse projeto estudar particularmente os Tchokwes, observando sua mobilidade territorial e suas características culturais, a fim de reconhecer sua diferença em relação aos outros povos da região.

Pretende-se também discutir a questão de identidade cultural do povo Tchokwe a partir das sociedades criadas para viabilizar sua sobrevivência no seu território, a exemplo dos modelos de vida afim de seguir avante o que foi ensinado ao longo do seu percurso em meados do século XVIII, quando assim os Lubas se instalam com números muito reduzidos nas terras Lunda.

Tal estudo poderá ajudar a produzir novas reflexões sobre o tema e, com isso, compreender tanto a experiência de mobilidade territorial dos Tchokwes e quais fatores que influenciaram na construção de novas identidades culturais no grupo. Refletir sobre a história desse povo também será de grande importância para o conhecimento e o ensino da história da África, na medida em que podemos ter mais compreensão sobre estes grupos étnicos do continente num período de interesses coloniais em Angola e conflitos internos que vem se dar no final do século XIX, com destaque no império dos Lundas.

Nesse sentido, colocamos algumas questões na busca por entender esse processo cultural ou identitário dos Tchokwe, tais como: Que elementos culturais diferenciam os Tchokwes dos Lundas apesar de serem da mesma linhagem? A partir disso, o que identificaria, afinal, o pertencimento identitário do povo Tchokwe? Qual a importância de elementos como a escultura na identidade cultural dos Tchokwe? Até que ponto a escultura chega a influenciar na construção de identidade dos Tchokwe? Esperamos encontrar respostas para estas e outras questões no desenvolvimento da pesquisa aqui proposta

#### **4. FUNDAMENTAÇÃO TEORICA**

A questão da identidade cultural do povo Tchokwe no contexto histórico em destaque será discutido aqui a partir de alguns recortes temáticos, tendo em vista nossa percepção sobre esse fenômeno nessas diferentes dimensões. A começar pela história do império Lunda para podermos entender o que se originou na formação do grupo étnico Tchokwe. Trataremos também as categorias como a mobilidade e interação social; os elementos culturais e identitário; a representação Tchokwe e por fim o território Tchokwe no período colonial.

Portanto discutindo estas categorias ajudará ao leitor a compreender diretamente a totalidade do trabalho, na distinta esfera como forma proporcional, no sistema de aprendizagem sobre este povo.

##### **Narrativas e origens**

O reino dos Lundas tinha uma grande força e organização e seus habitantes primavam pelo domínio de estruturação dos pequenos grupos para defender sua família real. Culturalmente esse império adotava a linhagem como forma de condução do

governo. Desde então a liderança do determinado grupo era repassada pai para o filho primogênito, de geração para geração, até chegar ao rei Yala Mwako. Este possuía todo poder do império Lunda, o chefe que detém o domínio dos territórios e do poder do *lukano*<sup>1</sup>. Teve então três filhos, dois homens e uma mulher, sendo eles Tchinguri, Tchinyama e Lueji.

Tchinguri e Tchinyama eram considerados como pessoas sem caráter, quer devido às orgias que praticavam ou ao fato de administrarem a justiça de maneira arbitrária, ordenando mortes injustas. Yala Mwako já bastante idoso não podia deter os abusos de seus dois filhos. Embora não estivessem de acordo com os atos de Tchinguri e Tchinyama, os Tubungu os respeitavam por tratar-se dos possíveis sucessores da genealogia política de Yala Mwako, também detentores de *lukano*, e porque ambos possuíam muitos partidários (MAYOR, 2010, p. 30)

Yala Mwako com idade que não suportaria mais governar, os filhos o procuraram para perguntar sobre quem o deveria suceder após a sua morte. Porém, ele desvaloriza a pergunta dos filhos e não diz nada acerca da sua sucessão, o que deixa seus filhos zangados ao ponto de o espancaram quase até a morte e, com o ocorrido, Lueji, filha mais nova, toma conta de seu pai. O Yala Mwako antes de sua morte convoca o conselho dos Tubungu para comunicar sua vontade, caso ele viesse morrer, sobre quem deveria o suceder na liderança do reino. Comunica então que Lueji o sucedesse passando o poder do *lukano* para ela e que, naquele momento, era ela quem deveria ser detentora do poder sobre tudo que o império tinha.

A decisão foi aceita por muitos dentro do salão imperial, pois a consideravam como uma menina amiga de todos, com tamanha capacidade de governar. Mas nesta reunião também surgiram pessoas que não ficaram satisfeitas pela escolha de Lueji como líder, já que haviam os irmãos mais velhos e, como diz a tradição, quem sucede o lugar do pai é o filho mais velho, além de ser uma mulher assumindo o lugar dos irmãos. Com esta nomeação, portanto, o império ganha os seus primeiros inimigos, especificamente os irmãos de Lueji e alguns tubungu (anciãos), que estavam contra a consagração dela como a líder do reino.

Com a morte do velho, Lueji assume o lugar cobiçado pelos irmãos, com a ajuda dos tubungos que estavam a favor dela na administração do território e, sobretudo, da segurança de seu povo dos inimigos que eles vieram a ter por ela herdar tal cargo.

---

<sup>1</sup>Lukano é uma pulseira que representa a liderança do povo e que é repassada para o futuro líder do grupo



Tradicionalmente, os Lundas sempre foram um povo com um poder forte e único, em cujo conhecimento era passado aos jovens afim de manterem os domínios culturais e fortificar ainda mais a genealogia de matrilinearidade que era imposta no território em que estavam instalados. A partir das transformações ocorridas no império Lunda com a consagração de Lueji, os tubungos temiam a possibilidade de mudança em práticas tradicionais mediadas pela oralidade, como o casamento, que é um dos registros de aliança, considerando assim um dos patrimônios culturais e de poder respeitando o espírito dos antepassados, trazendo sua linhagem com descendentes.

Após todos os ocorridos no território Lunda, Lueji casa-se com um jovem caçador que tivera aparecido na aldeia num grupo desconhecido à procura de caça para a sobrevivência de seu povo, este tendo vindo da República Democrática do Congo, do grupo étnico denominado Luba. Tchibinda Ilunga, como é conhecido na história lundês, com o seu estilo nômade, é considerado homem que detinha o poder de caçar. O herói mítico popular Tchibinda Ilunga representa o poder político centralizado contra o poder social das linhagens, o qual acabou impor-se casando com a linhagem Lueji:

Outras interpretações dessa narrativa têm associado a figura de Tchibinda Ilunga aos Luba. Na verdade, os Luba sempre partilharam diversas formas de governo com os Lundas e, como veremos mais tarde, formarão juntos um poderoso império. No final do século XV, os lunda-luba tinham conseguido mais estabilidade política (PANTOJA, 2011, p.32)

Com o casamento de Lueji que era apenas permitido pelo povo, mas aceito por muitos e outros não, ela entrega o poder do *lukano* deixado pelos seus antepassados ao seu marido, sendo bem representado por um homem que detinha um poder próprio de caçador, tudo por causa da sua coragem de transmitir ao povo sua técnica de caça, considerando que os instrumentos que usava para caçar eram arma de fogo, enquanto os Lundas usavam arcos e flechas.

Mas, mesmo ele detendo esta capacidade e ensinando-a ao povo Lunda, os irmãos de Lueji não vão aceitar este casamento, pois o *lukano* é um poder apenas de quem era da genealogia Lunda e, portanto, seria uma contradição passá-lo para um estrangeiro. No entanto, nem assim conseguiram fazer com que Lueji fosse destituída da sua soberania no império e a força mostrada pelo casamento feito dos dois povos vai afastar inimigos do território, garantindo a ela ganhar mais uma batalha interna, já que os guerreiros dos

diversos povos estavam prontos para defender tal união, forçando, então, a saída dos inimigos.

As iniciativas de abandonar o território Lunda foram surgindo depois de todos terem aprendido como poderiam usar armas de caçar, conhecimento este passado por Tchibinda. A partir de então, alguns integrantes da linhagem resolvem deixar para trás o império que amam por não suportarem a união com os Lubas, grupo que, para eles vem impor outra genealogia, de conhecimento/poder, bem como da própria transmissão desse conhecimento. Sendo assim, cada um dos irmãos de Lueji vai guiar um povo junto com os *Miata* que gostavam de como eles lideravam o povo na ausência de seu pai. Esses grupos vão procurar, então, algum território distante dos Lundas para formação de um novo grupo étnico, processo no qual a tradição oral foi fundamental uma vez que era uma forma dos anciãos comunicarem à comunidade os ensinamentos da cultura e suas crenças religiosas aos adolescentes que vão passar ao rito de iniciação

Com a separação dos novos grupos distintos, mantém também a genealogia do poder político, e os Tchokwes surgem no final do século XVIII sob esse princípio, sendo conduzido pelo filho primogênito. Para eles, ter a genealogia política que os identificava era um dos elementos fundamentais para a construção de sua história. Muitos serão consagrados pelo filho primogênito, sendo que ele vai se tornando chefe de todos *mianagana*<sup>2</sup> (mais velhos que detinham o poder e faziam parte do conselho do antigo império Lunda). Na caminhada que eles realizam à procura de território próprio, ocorrem as primeiras alterações na genealogia que todos preservavam, dando, assim, outra estrutura ao grupo, e a matrilineagem é inserida com famílias de pessoas que eles vão encontrar ao longo do caminho em busca da terra prometida.

Os princípios impostos sobre a matrilineagem dos Tchokwes eram muito evidentes e quem desobedecesse era severamente castigado sob pena de morte, com o corpo levado para a cerimônia de sacrifício, prática esta herdada dos Lundas, cumprindo assim os deveres dos antepassados num processo de ritual. Os sacrifícios humanos foram uma característica cultural adquirida ao longo do seu trajeto e aconteceram em todos os lugares em que eles percorriam, fortificando assim o poder que os miatas possuíam e do seu grande chefe. Ainda de acordo com Mayor (2010, p. 31):

---

<sup>2</sup> Mianagana significa pessoas da terra, ou seja, aqueles que detém o conhecimento e que são nativos deste território

A contínua negação de Kanykaka Tembo quanto aos princípios da matrilineagem se expressara, clarividente, na proibição ao nascimento de crianças. Tal posição se desdobra em um momento de ruptura, quando o princípio de descendência se quebra e passa a ser negado no interior das relações sociais: Kanyka recusa ele próprio a genealogia como princípio social, ao furta-se à obrigação de tio materno em realizar os procedimentos funerários, ordenando que o marido fizesse sozinho o enterro da criança e da mulher. No entanto, uma contradição se opera e se desdobra em dois acontecimentos sucessivos. Entre os Lunda, como entre os Tchokwe, os malefícios são atribuídos à insatisfação e à produção dos antepassados em relação aos vivos, cabendo ao ritual restabelecer as relações positivas entre vivos e mortos. A quebra de uma obrigação vinculada à descendência matrilinear se desdobra na constatação de que havia uma aldeia próxima que logo resolveria a fome que se abatia sobre todos devido à escassez de caça. Isso conduz o grupo de Tchinguri a atravessar o rio Kassai que nesse trecho seria estreito o suficiente para se poder transpô-lo em um simples pulo.

Os sacrifícios não eram feitos na presença de toda a comunidade, mas sim nos lugares ou espaços consagrados pelos antepassados; lugares construídos de ossos das vítimas humanas que muitas das vezes eram sacrificadas para cumprirem mais um ritual de consagração. Práticas como essas eram constantes no império Lunda até mesmo para consagrar mais um jovem guerreiro que está se preparando para defender o seu reino, isto é, o homem de uma genealogia matrilinear, e a vítima sacrificada seria um *moata*<sup>3</sup> nessas sociedades.

### **Mobilidade e interação social**

Enquanto um povo de característica nômade, os Tchokwe iam de aldeia a aldeia conquistando forçadamente outros povos a seguirem eles nas grandes conquistas, algo que os grandes chefes do conselho atribuem mérito ao Tchinguri e com isso, os *miatas*<sup>4</sup> do grupo vão perder suas forças progressivamente aos princípios de descendência, sendo forçados a saírem do grupo para conquistar outros povos. O fato é que o seu líder deixava entrar pessoas de outras linhagens, promovendo, como já aqui discutido, uma transformação na estrutura de um povo que estava se consolidando.

Com a retirada de alguns velhos do conselho por não concordarem com as transformações em curso, surgirão conflitos internos entre os Tchokwes, permitindo

---

<sup>3</sup> Moata: denominação para as pessoas mais velhas que representam a linhagem de uma família

<sup>4</sup> Miata é denominado aos mais velho que fazem parte do conselho do grupo (MAYOR, 2010)

muitos voltem às terras de origem propriamente dita, em território dos Lundas. As migrações, portanto, seguiram com uns saindo dos Lundas, a procura de território para se instalarem e, paralelamente, outros voltando para onde eram recebidos como os bons filhos voltando em casa e fugindo de um líder intolerante. As lutas continuavam até se perceber as fragmentações do espaço que era povoado pelos Lundas. Na imigração para outras aldeias os Tchokwes acabaram estabelecendo uma relação desigual com os nativos, podendo ser classificada tanto na forma simétrica, quanto assimétrica. A relação simétrica consiste em uma forma amigável que os grupos terão a fim de fazer as trocas de produtos sobre interesses de ambos, com esta relação os grupos tornam-se sistematizado de maneira que os mesmos ficam unificados. Já a assimétrica é dada de forma violenta onde um vai querer tomar as terras do outro povo, causando a desestruturação no grupo atingido nos conflitos.

No entanto, a trajetória histórica dos Tchokwes também pode ser entendida na maneira como seus integrantes passam a adotar os hábitos e costumes dos outros povos com quem vão se unificar. Isso pode ser observado em elementos e narrativas por eles retratadas, a exemplo da escultura de um herói Luba Tchibinda (anexo3, Fig.14), que entrou claramente na história dos Tchokwe pelo fato de ser considerado como homem que detinha o poder da caça, ensinando a prática de caçar com armas e pólvora.

Em termos objetivos, seu relacionamento com outros povos é baseado no conhecimento tradicional e na prática regular Tchokwe para que assim as condições de relação sejam claras e reais diante das populações nativas, as quais vêm a se tornar seus reféns, principalmente pelo processo de ocupação de cada território. Para eles, tudo precisava ter seus interesses por base, e a duração das relações deveria considerar sua logística de alimentos para se manterem em cada aldeia.

Tal pragmatismo dos Tchokwe implica que os traços a serem criados pelo povo são exclusivamente na sociedade que será demarcada por eles, embora alguns elementos culturais muitas das vezes sejam compartilhados com as populações determinadas nas suas respectivas regiões agora sob tutela. As relações são transformadas tendo em conta o modo de como cada grupo se apresenta culturalmente e de como a opressão será feita pelo grupo com maior poder de guerra para conquista de novas terras. Cada povo repensa de uma forma ou da outra o conjunto da coletividade que será dotada segundo a crença do grupo étnico e, por outro lado, atendendo aos interesses priorizados para a

comunidade. Esse exercício de “repensar” o grupo vai diferenciar a cultura de outros grupos que iram se relacionar.

No caso dos Tchokwe, na medida em que dominavam outras aldeias, identificavam os chefes dos respectivos grupos a fim de darem cargos de *mianagana* para não provocarem uma revolução quando houvesse assim a tal união de grupos. Nota-se, portanto, que os Tchokwes se transformam de pequeno grupo para grande grupo com a tamanha mobilidade, percorrendo toda a região centro e usando as suas paragens como acampamentos. Com está mobilidade alguns dos Tchokwes vão ficando para trás, fazendo com que o grupo se espalhe para muitos lugares do país. O grupo que permaneceu com Tchinguri até ao final do século XIX, sentiram a necessidade de voltar e ter o seu território próprio e fazer dele como suas terras, necessidade esta que faz surgir a ideia de voltarem à terra de origem, já que estão bem configurados vão então voltar ao território Lunda invadir com as mesmas técnicas que foi lhes ensinado e adquirida ao longo de sua imigração.

Com a transformação cosmológica, Tchinguri assumia em vida a posição dos antepassados, a saber, um predador sobrehumano temido e respeitado. Contam as histórias dos povos do planalto central (Imbangala, Mbundu, Songo) que os *miata* Lunda (Munjumbo, Kandonda, Ndumba e Ndonje) levaram Tchinguri à ilha fluvial Mbola na Kasaxe, onde, à maneira das grandes armadilhas para leões e leopardos haviam cavado um profundo buraco tampado com folhas, paus e areia, sobre o qual estenderam a esteira em que Tchinguri se sentava em ocasiões cerimoniais. Levado ao local pelos *miata*, Tchinguri cairia na armadilha, morrendo e sendo enterrado como grande predador (MAYOR,2010, p.39).

Ainda segundo o citado autor, as transformações operadas por Tchinguri e seu grupo eram entendidas pelos outros povos Bantu como uma descontinuidade e ruptura cosmológica. Com esta invasão os Tchokwes capturam todos que estavam instalados no território Lunda, se instalando, então, na capital do império ficando com o domínio e sob comando de todo território. O que foi antes o conflito de interesses político voltou a ser pelo fato deste ser invadido dado o interesse pelas terras Lundas, com a liderança totalmente diferente.

Na medida em que eles vão se instalar de novo nas sociedades em que era habitada pelos povos Lundas, criam se lembranças vividas por lá, a história contada por eles em quanto se deslocavam para outras aldeias tinha por parte nova construção e do outro lado deixar pra trás uma sociedade que os viu a nascer e a crescer em questões culturais com hábitos adotado por eles mesmos.

### **Tchokwe: um grupo étnico**

Segundo Poutignat (2011, p.189), afirma que:

“o termo grupo étnico, na bibliografia antropológica, geralmente entendido para designar uma população que: Perpetua-se biologicamente de modo amplo, compartilha valores culturais fundamentais, realizados em patentes unidades nas formas culturais, constitui um campo de comunicação, possui um grupo de membros que identifica e é identificado por outros como se constituísse uma categoria diferenciável de outras categorias do mesmo tipo”.

Para que haja um grupo étnico é preciso que estejam totalmente estruturados e localizados, na medida em que estão mobilizados ou organizados, podemos dizer que é então a existência de um grupo étnico. Mas se a estrutura deste grupo sofrerem alterações onde são localizados territorialmente o isolamento fará com que deixe de existir este grupo étnico.

Por sua vez, Barth (1976), define grupo étnico como sistema de organização social em populações cuja as categorias são distintas aos membros e identificadas pelos outros constituindo assim suas identidades

Poutignat e Jocelyne mencionam no seu trabalho sobre grupo étnico, que o termo etnia foi usado pela primeira vez por (Rupp Einesenreich, 1989) para se referir às sociedades primitivas, a adoção deste termo etnia aproxima-se da noção para entender o que é tribo, neste sentido elas estão ligadas intrinsecamente correspondendo o coletivo das sociedades que pretende se estudar.

A questão de etnia nos remete à compreensão que quando nascemos ou vivemos num espaço que adotamos em classe social, pertencente à mesma etnia, nela encontramos algumas diversidades humanas, que possivelmente encontramos nos homens e mulheres definindo assim o seu ser em virtude do modo cultural e costume que cada indivíduo apresenta, podendo ser igual ou diferente.

O grupo étnico consolida os hábitos culturais e sociais, para definir ou diferenciar de outros grupos, e padroniza modelos a seguir como a tradição cultural de forma comum, elementos que fazem com que o grupo étnico se torna fundamentais na construção das sociedades estabelecidas, categorizando em subgrupos majoritários ou minoritários de

formas organizada. Estes elementos que se tornam fundamentais, podendo destacar a língua, o ritual de forma mais ou menos passada como dança, a gastronomia e outras formas que possam dar a conhecer os modos padronizados. Com base na definição de Smith (1997, p. 36):

...grupo étnico é Um tipo de coletividade cultural, coletividade esta que sublinha o papel de mitos de descendência e de memórias históricas, e que é reconhecida por uma ou mais diferenças culturais, como a religião, como os costumes, a língua, ou as instituições tais coletividades são duplamente históricas no sentido em que só são as memórias históricas essenciais para sua continuação, como cada uma desses grupos étnicos é produto de forças históricas, específicas, estando desse modo sujeito a dissolução e à alteração histórica.

Os Tchokwes são caracterizados pelos hábitos e costumes de forma própria nas organizações sociais, e as sociedades definem assim os traços culturais que cada nativo ou descendente apresenta, isto é, a partir da língua como elemento fundamental da identificação do grupo étnico definindo se pertence ou não ao grupo, e a forma como tem o modo de construção de identidade própria.

Os mitos nesta sociedade Tchokwe de uma forma em geral é olhado como fundamento cultural que os ancestrais deixaram como herança de uma cultura que vai se mantendo viva. As pinturas Tchokwes são de caráter fundamental na questão de ilustrar imagens produzidas para representarem os registros de acontecimentos históricos, essas construções de imagens terão dimensões totalmente equivalentes aos antepassados de forma original ao que é transmitido. Portanto, muita das transmissões é tida como na expectativa da história e no imaginário do povo Tchokwe. Além disso, os registros do valor cultural deste povo são predominantemente aos hábitos e costumes que o grupo terá como eficácia de maneira a ser divulgada a cultura expressada a necessidade de valorizar a história dos antepassados. Ao promover o conhecimento dotado na oralidade o indivíduo manifesta positivamente a autoestima de certa forma na sociedade, no entanto o indivíduo é respectivamente aculturalizado com padrões dotado para respeitar e cumprir as regras definidas. A herança cultural se constitui gradualmente a que chamamos de identidade cultural, nos hábitos religiosos, político e social do povo, com o decorrer do tempo e com a presença colonial vão surgir cadeiras que representam a majestade e por sua vez, os produtores vão sofrer uma opressão na com feição de esculturas para representar os símbolos do povo.

A escultura vai estar ligada e associada aos cultos dos antepassados, e na celebração da vida. Estas e outras atividades vai se encontrar presente no cotidiano. O museu de antropologia de Luanda e o Museu do Dundo são os patrimônios em Angola que detêm informações sobre os Tchokwes do final do século XIX. O museu do Dundo foi construído no período colonial com o objetivo de guardar matérias valiosos como e outros materiais produzidos pelos Tchokwes, as esculturas vão fazer parte da galeria do museu.

Os cativos que era o lugar de sacrifícios humano é considerado como patrimônio cultural pelo fato de haver cerimônia de espiritualidade do sobrenatural. Estes cativos estarão ligados com a história do povo, e muitas vezes é realizado cerimônia de agradecimento aos antepassados. A cerimônia do casamento na sociedade neste período era de forma obrigatório, toda mulher quando atingi a fase para passar no processo do rito de passagem que representa a fertilidade da mesma ela é então passada para o ritual de casamento a fim de dar uma linhagem.

### **Elementos culturais e identitários**

Reconhecida como um conceito muito amplo nas ciências sociais e, por isso, apresentado por diferentes definições, a cultura pode ser entendida como um conjunto de elementos simbólicos e materiais que caracterizam uma determinada sociedade e permeiam, portanto, a vida um indivíduo que dela fazem parte. Nessa dinâmica, cada grupo estabelece sua forma de transmitir saberes e costumes sobre sua origem e modo de vida, assim como estes devem ser respeitados, produzindo uma compreensão de mundo e um comportamento em comum das pessoas desse contexto.

A partir desse entendimento é possível relacionar determinado grupo e seus elementos culturais com elementos de outros grupos e cultura diferentes, de modo a identificar, portanto, quem é ou não é de uma mesma cultura. Segundo Hall (1992, p.57): “a concepção de cultura é, em si mesma, socializada. Não consiste mais na soma de o melhor que foi pensado e dito, considerando como os ápices de uma civilização plenamente realizada”[...].

Na verdade, por mais que haja um repertório histórico sobre identidades culturais dos Tchokwes relacionando-os aos Lundas, na medida em que vão se estabelecer como um grupo étnico, podemos afirmar que os traços culturais vão sofrer mudanças já que a



cultura obtida nas sociedades Lunda vai se dispersar, não de forma muito evidente, e vão surgir novas práticas que passam a ser adotadas por eles. Outro fator que vem influenciar na mudança dessa estrutura é a entrada de pessoas de diferentes culturas no grupo.

De um modo geral, a cultura Tchokwe pode ser classificada em três fases distintas que serão importantes no processo de construção de sua identidade, durante o período aqui abordado:

- a primeira fase consiste apenas na estrutura do império Lunda. Aqui as práticas culturais eram de forma a cumprir o poder da matrilineagem e respeitar a decisão tomada pelo conselho e do chefe imperial.

- a segunda fase vai se dar no momento em que o grupo sai em busca de um território para se estabelecer, saindo assim do império Lunda com a finalidade de conquistar novas terras. Neste momento irá se construir nova genealogia política no grupo Tchokwe.

- a terceira fase consiste na trajetória que o grupo vai fazer a fim de encontrarem a terra prometida, modo que pudessem voltar trazendo novos hábitos culturais, além das lembranças dos territórios como os acontecimentos nas determinadas linhagens.

As três fases da cultura Tchokwe neste contexto busca fazer uma discussão. Isso porque trazem consigo a reflexão sobre o processo de construção ideológica em relação à identidade cultural de um povo, a partir da ancestralidade, da terra como espaço tradicional e, de igual modo, a redefinição da história oral como fundamento das formas de apresentação buscando os deuses.

A partir desta ideologia os nativos levam em consideração as oralidades de modo a preservarem a história que os caracteriza como grupo étnico, de modo que estes conhecimentos sejam ensinados a todos. Ao passar estes conhecimentos por meio da oralidade, os chefes Tchokwe vão procurar um jeito de levar estas culturas para assim serem compreendidas de maneira a dar ênfase as diversidades de apresentações culturais com uso das máscaras poderosa. Nessa perspectiva, os chefes Tchokwe não centralizam especificamente estes conhecimentos a um dado ritual ou singularizar os cultos feitos para os ancestrais, mas sim procuram reproduzir os conhecimentos a fim de não deixar escapar os modos culturais e de os modos de apresentação feitas pelos antepassados.

No entanto, observa-se que nas sociedades Tchokwe uma das características culturais da época eram os sacrifícios humanos e na tradição artística, de forma ao uso de máscaras como protagonismo indispensável buscando a magia e crença que elas possuem em determinadas virtudes. As máscaras assim como outros instrumentos usados para a sustentabilidade da cultura tradicional do povo Tchokwe representam disfarce místico com o qual se pode absorver forças mágicas dos espíritos e assim utilizá-las em benefício da comunidade, a cerimônia de curas de doentes em rituais fúnebres é usada uma máscara quando morre um dos grandes chefes Tchokwes, é usada então para sepultar um dos mais velhos após ser sacrificado, e a máscara da *mukanda* usada para o rito de iniciação aos adolescentes.

Entendo que os símbolos da cultura feitos por eles também serviam para identificar os membros das sociedades secretas, pessoas essas que eram atribuídos um título para não serem reconhecidos pela comunidade que o mesmo fazia parte do conselho dos anciões. Os rituais de iniciação nas sociedades Tchokwe é uma pratica cultural que os caracteriza de maneira ideal e padronizada a fim de cumprir mais uma etapa que cada adolescente tem de passar, com a idade ideal o adolescente é obrigado a passar por esta pratica.

O conceito de identidade não é recente nas ciências sociais ou aplicada este conceito nos dá a ideia de relacionarmos fatores que são semelhantes a outros. Dando a característica a objetos materiais ou imateriais, podemos então afirmar que realmente pelo fato de que o conceito de identidade sustenta que haja semelhança a outra, devemos deixar bem claro que o termo não tem nada a ver com a igualdade de um produto material.

O termo identidade aqui está a ser usado para caracterizar indivíduos como membro de uma sociedade ocupando um espaço e desenvolvendo um papel a sociedade ou seja cada indivíduo apresenta suas características identitárias quer culturais, religiosas, políticas, de modo a marcar sua existência, onde cada um por mais que esteja na sociedade deve respeitar as regras impostas, ele aparece como elemento diferente a identidade ao outro e ele por sua vez aceita os outros do jeito que eles (a) são.

O conhecimento sobre identidade é adquirido em vários campos do saber, proporcionando o conhecimento de modo imaginário, de como são determinadas as qualidades e diferenciação a ser usada por diferentes povos. Os Tchokwes apresentam

suas identidades com base nas memórias históricas, dando assim ênfase no que realmente no espaço físico que os caracteriza. Como relata Hall (1992, p.61):

“Assim, a identidade é realmente algo formado, ao longo do tempo, através de processos inconscientes, e não algo inato, existente na consciência no momento do nascimento. Existe sempre algo "imaginário" ou fantasiado sobre sua unidade. Ela permanece sempre incompleta, está sempre "em processo", sempre "sendo formada". As partes "femininas" do eu masculino, por exemplo, que são negadas, permanecem com ele e encontram expressão inconsciente em muitas formas não reconhecidas, na vida adulta”.

As práticas usadas por cada indivíduo direta ou indiretamente, vão falar como esta sociedade, de modo a se passar as regras impostas por chefes Tchokwes, cada lugar em que eles percorrem isso de suas conquistas nos conflitos com outros povos, surgem então os sentimentos sobre o território que vão deixando para trás, ao passo que os territórios habitados por eles tornam-se como memórias históricas.

A identidade de cada indivíduo Tchokwe, neste período de muitas conturbações, no que diz respeito a conflitos que leva o povo a imigrar para o outro território, o indivíduo será forçado a se adaptar às novas regras imposta por uma sociedade em que ele for inserido. Segundo Hall (2006), afirma que a identidade de um modo geral sofre mudanças de um tempo para o outro e que a identidade não é um processo estático mas sim dinâmico. Ao sofrer estas mudanças nas determinadas sociedade o indivíduo sente que é retirado um pedaço no grupo na qual ele faz parte.

Na medida em que os Tchokwes vão se mover para outras sociedades deixando para trás a sua terra tradicional, cada um perde um pedaço de uma realidade que o mesmo está acostumado. De uma maneira ou da outra a sociedade chega a influenciar na forma de ser de cada indivíduo, dando assim nova identidade atendendo o meio na qual está inserido. Por exemplo, sabemos que cada indivíduo detém uma determinada identidade que lhe caracteriza de acordo com o espaço ou terra de origem, mas quando o mesmo passa para outras terras ele será obrigado a se adequar com hábitos e costume da sociedade local, neste caso ele vai ganhar hábitos identitários da mesma sociedade.

Na medida em que os Tchokwes se relacionam com outros povos eles vão perde pedaços de sua identidade, mesmo ainda ter as mesmas práticas culturais com relação a ancestralidade e suas crenças. As memórias identitárias nesse indivíduo que muitas das vezes são apagadas para procurar estar dentro dos padrões e normais sociais que o grupo

estabelece. Ao descrever sobre os valores e normas padronizadas pelos Tchokwes, neste período nos remete as dificuldades que muitos tiveram para partilhar ou adquirir as regras que os mesmos vão estabelecer, e a ideia do estado de como era o grupo como choque sobre identidade.

A identidade Tchokwe era vista como mecanismo próprio do indivíduo, que é treinado a ser um guerreiro hostil, tendo as características próprias de um nativo, a partir das consagrações dos ritos de passagem, buscando sua proteção aos antepassados. A auto-identificação dos Tchokwes eram legitimamente apresentadas em meios sociais, com modo de identificação rápida e fácil pelas características que somente eles apresentavam de acordo o seu comportamento. Na identidade cultural de um povo tem várias interpretações, com base a ideologia adotada por eles. Essa ideologia pode definir o que realmente deve ser respeitado para a comunidade.

Porém, a cultura define as características de um determinado povo, e assim a serem identificados no seu território de origem com os hábitos com forme eles se apresentam.

O estudo que aqui é apresentado, na base da discussão sobre identidade cultural de determinado povo, nos traz uma reflexão sobre os valores culturais tem na identificação do povo exercendo assim um papel primordial na tradição oral ou escrita dependendo de como é passada as fontes.

A identidade e a cultura possuem, contudo, um panorama de reflexão e diálogo na aprendizagem de forma a entender o que é, ou quem é do povo na qual é estudado os hábitos e costumes que o identifica. E de modo diferenciar quem é quem. Então através da identidade cultural estas discussões tornam-se mais interessante ao fazer críticas a um determinado povo e nas sociedades em que eles estão inseridos do ponto de vista na análise ao seu comportamento com outras sociedades em que ele vai se instalar.

A aproximação com outras culturas gera novos conhecimentos e construção de novas identidades mesmo não sendo claramente, mas a uma mudança com base aos hábitos do local em que o indivíduo estará presente a um longo tempo.

Podemos ver que ao descrevermos o conceito de identidade uma notoriedade na complexidade da palavra, pela sua natureza e de fato por cada nacionalidade apresenta, as características identitárias, de forma a ser organizado do jeito exclusivo do poder do

estado e não só. Com a estrutura estabelecida pelo povo, pode-se afirmar que as crises de identidade são totalmente visíveis quando o próprio indivíduo não se identifica claramente com o modo cultural de como é feito ou estabelecido as regras do ponto de vista das normas e valores da sociedade em que o indivíduo está localizado.

### **Representação Tchokwe e suas Memórias**

As formas de representação Tchokwe eram em todo caso de forma súdita em que toda a comunidade estava submissa as vontades dos chefes do clã respeitando assim as regras postas para santificar os antepassados. As representações eram feitas de várias maneiras com isso dando o privilégio a população a participar aos eventos realizados para fim de mais um cumprimento tendo em conta a sua grandiosidade no papel fundamental que este evento tem.

De modo mais abrangente a ancestralidade é o pilar na construção de identidade cultural a maneira que os grupos étnicos farão os rituais ou cerimônia, lembrando a ancestralidade, a identidade deste povo começa a se afirmar, sendo que o grupo padroniza o modo de representatividade da história. O corpo do indivíduo pertencente deste grupo étnico terá uma relação com a ancestralidade, em seguida as participações nas cerimônias realizadas, faz com que o indivíduo cria ilusões sobre o poder que o espírito do sobrenatural perante comunidade, simbolizando a origem mítica do povo. A ancestralidade acentua-se através dos ritos e dos mitos do povo que a história terá como os fundamentos dos ancestrais, deuses e descendentes deste povo de determinados grupos étnicos. As manifestações tidas no grupo no que diz respeito à ancestralidade que vai se situar na terra estabelecida como uma matriz, que dará a identificação do território originário de uma história continua marcando os traços genealógicos.

Na perspectiva de ancestralidade Tchokwe os anciões diferenciam o que é do homem e o que é da natureza da espiritualidade humana já que tudo se concentra na cultura material realizado primeiramente aos ancestrais, com uma visão na religiosidade e na herança que vão deixar. Para essa cosmovisão os rituais feitos por eles é o conjunto de dimensões que associa a todas as coisas que os antepassados deixaram. O corpo humano neste contexto é visto como elemento que detém todos os conhecimentos tradicionais ou saberes orais. Ao praticar a cultura os indivíduos vão divulgar para os outros grupos étnicos de modo a perceberem a existência do mesmo.

Numa sociedade onde o conhecimento tradicional é uma das características para que se possam passar as informações sobre o grupo, é preciso que se leva em conta o reconhecimento da língua como um dos elementos fundamentais para que estes conhecimentos sejam passados.

Ao preservar a sabedoria dos ancestrais, o indivíduo tem em conta a valorização do conhecimento passado de forma oral, através da fala de modo a se manifestar o que é repassado. A transmissão e a preservação destes conhecimentos de uma ou de outra, que a cultura seja levada em conta e que se pratica de forma a não se perder, dando assim a sustentação e merecimento de cultos para os ancestrais por eles intercederem para a comunidade.

Os chefes Tchokwes têm o papel fundamental, enquanto os mais altos representantes de Deus, que vai mediar o poder natural na terra e sobrenatural, a fusão da harmonia entre o passado e presente o que conduz a um futuro do povo Tchokwe, fazendo assim as ilustrações de suas crenças religiosas a ancestralidade, incorporando a espiritualidade de heranças culturais. As ilustrações da rica tradição cultural dos Tchokwes, é baseada em elementos de performances como a dança e canções. Estes elementos fazem parte da sua identidade étnica, ao mesmo tempo vai ligando os poderes do sobrenatural que vai ser manifestado a partir do espírito das tais práticas.

Quer na dança ou na canção, as representações performatizadas pelo povo Tchokwe são usadas sempre em forma de uma máscara que identifica o que realmente que tipo de cerimônia está a ser feita e de como elas são interpretadas acompanhada no ritmo de instrumentos musicais. Como é um padrão adotado por eles as apresentações têm lugares próprios para ser apresentado e o período em que decorre estes eventos que torna-se cultural do ponto de vista da tradição local.

As danças usadas nos rituais de iniciação são totalmente diferentes com a dança usada para a consagração de um novo *mianagana*, todas elas com respeito da comunidade e de quem o usa para assim interpretar o que realmente diz a oralidade do povo Tchokwe. Na dança Tchianda<sup>5</sup> que é uma das características do grupo, é expresso pelo dançarino o momento de alegria, satisfação para os antepassados e é representada por homens e mulheres.

---

<sup>5</sup>Tchianda estilo de dança originado pelos Tchokwes

O poder dos ancestrais fazia com que o espírito da dança fosse visto como espelho trazendo uma reflexão do diálogo nos sentimentos da comunidade sobre o passado e o presente da ancestralidade. Estes poderes representados por elementos mascarados num ritmo de instrumentos musicais, são chamados os espíritos do ancestrais, para atender aos pedidos durante a cerimônia.

Nas sociedades Tchokwe a dança é associada como veículo para trazer equilíbrio na cultura para que realizassem curas, felicidades e alegria a todos, através da dança e da canção os ancestrais do sobrenatural trazem consigo a boa vontade. Associo aqui a dança e canção nas formas de representação por serem os elementos fundamentais para a realização de uma cerimônia e para estar em contato com os espíritos dos ancestrais. Os Tchokwes acreditam que estes dois elementos trazem alegria a alma viva, com um significado profundo na preservação da cultura e de valores sobre os ancestrais.

Nas sociedades Tchokwe os jovens de um certo modo são ensinados a valorizar os determinados marcadores que caracteriza a passagem para a vida adulta, estes ensinamentos que demarca o rito existem continuamente a fim de o testemunho serem repassado de geração para outra geração. contos orais de anciões determinam que os jovens devem saber sobre suas identidades culturais para que as mesmas não se percam, mas sim que sobreviva as práticas para auto identidade.

O rito de passagem neste povo expressa a maneira em que os jovens devem se manifestar na medida em que cada um vai receber estes ritos têm que respeitar claramente os ensinamentos pelos mais velhos da comunidade. Na cerimônia de rito de passagem é ensinado a complexidade e valorização da própria cultura.

Portanto, recorrer aos relatos existentes sobre os Tchokwe também significa um mergulho na própria memória deste povo, aqui entendida como um dos aspectos fundamentais para a especificidade de sua configuração identitária. E sabe-se que nas diferentes culturas, as representações da memória local tende a ganhar contornos e expressões diversas. Mas, não se pode falar de memória sem falar do tempo, pelo fato de terem uma relação, já que recorda-se de algo vivido num contexto histórico, o que significa que os acontecimentos vividos e posteriormente recordados se deram no espaço e tempo. Memória consiste, portanto, em todo acontecimento ocorrido a um determinado momento, cuja forma pode ser categorizada como coletiva ou individual.

A memória colectiva confunde-se com história, apesar dos estudos utilizarem, cada vez mais, um vocabulário especializado sobre memória nacional, memória política, memória vernacular, contramemória. A memória colectiva não é história, embora trabalhe com os mesmos materiais (TAVARES, 2009, p. 240).

As memórias podem dar-se por meio de documentos escritos, por construções de imagens estabelecidas pelo grupo ou sociedade, e por momentos em que ocorre um acontecimento. Atendendo estes aspetos, podemos dizer que cada sociedade detém domínio para preservação de seu passado, de maneira que a história seja lembrada no futuro.

Le Goff observa:

A memória, como propriedade de conservar certas informações, remete-nos em primeiro lugar um conjunto de funções psíquica, graças as quais o homem pode utilizar impressões ou informações passadas, ou que ele representa como passadas (1924, p. 419).

A memória Tchokwe tem os vestígios deixados pelos antepassados de forma que a geração vindoura pudesse estar em contato com acontecimentos de uma história dos ancestrais, podendo assim exaltar grandes feitos de linhagens, que, por sua vez, terão maior respeito possível, preservando os hábitos do grupo para não se perder as identidades culturais de modo que a transmissão de conhecimentos tradicionais seja de caráter obrigatório e fundamental. Estas formas tornam-se muito importantes quando a população guarda e respeita o que não deve ser esquecido no tempo e, mesmo não sendo vivenciadas, essas memórias devem ser passadas às novas gerações, dando assim testemunho de experiência que o povo passou.

No caso do grupo étnico em questão, uma dessas representações da memória está nos túmulos dos heróis e isso assume poder espiritual expresso nas práticas sociais, como, por exemplo, a demarcação de terras, feita com um crânio de algum chefe de clãs que esteja lá sepultado para conservar um lugar que detém poder sobrenatural. Por isso, os lugares que eram como santuários de sacrifícios são usados para demarcação de uma aldeia, como ponto de refúgio caso houvesse guerra com os povos vizinhos. Também as construções destes locais eram cobertas de muralha de pedras onde o inimigo não conseguiria ir para invadir, em condições normais, já que a prática do feiticismo era presente neste local.



Entendemos que a compreensão sobre essas expressões da memória local significa uma possibilidade de ampliação dos dados sobre a diversidade e a complexidade do universo cultural dos Tchokwes, o que nos demanda considerar no repertório de fontes possíveis, os elementos da cultura material e imaterial desse povo. Por isso, também cabe aqui incorporar determinadas expressões da cosmovisão local como fonte de experiência e significado para este povo.

Particularmente nos meados de 1885 os Tchokwes começam a se estabelecer como um grupo muito forte mesmo com a presença colonial, eles passam a fazer as máscaras de esculturas com intuito de preservar seus mitos e crenças com representação dos heróis. Para estes povos as máscaras como imagem de representação humana, são invocadas por espírito da magia dentro das mesmas. Lendas da crença Tchokwe sustentam de que as máscaras têm um potencial, de forma gigantesca que se desloca para o local onde é realizado os cultos. Os Tchokwes percebem que as máscaras têm seus valores míticos a partir de um mundo que envolve a espiritualidade dos ancestrais criando a ligação com os deuses

A arte na sociedade Tchokwe é representada ou empregada de forma espiritual, tendo a sua concentração na natureza buscando o que é ou não sagrado. As imagens feitas por eles representavam o poder dos ancestrais e o respeito da consagração, os que usavam as máscaras não eram pessoa qualquer, mas sim quem detinha o conhecimento e é dado o cargo para quem respeitava o poder sobrenatural, com o comprimento deste símbolo a comunidade estará diante de uma representação dos deuses como se acreditava na oralidade do povo. A mística máscara *mwana pwo*<sup>6</sup> para os Tchokwes simboliza a fertilidade da mulher e ela sempre foi presente nos rituais para determinar que a mulher se encontra pura e fértil. De mesma forma a máscara *mukixi*, para os homens usado então no rito de passagem para a circuncisão do indivíduo e por outro determinar que o mesmo está preparado para defender seu território. A máscara *mukixi*<sup>7</sup> tem origem Tchokwe que detém o poder, representando a figura dos antepassados assim como outras máscaras e elas na sua maioria são usadas por homens e Mulheres, estes então que já passaram nos ritos de passagem.

---

<sup>6</sup>Mwana pwo representação feminina, uma máscara usada no rito de passagem que definir a fertilidade da mulher

<sup>7</sup>Mukixi, denominação de uma máscara de origem Tchokwe usado no rito de passagem masculina.

As máscaras expressam o verdadeiro significado do espiritual das coisas, desde o momento da consagração de quem passa no rito de passagem até a cerimônia. As máscaras não expressam somente o momento de ser usada, mas também o percurso da história do povo em virtude a tradição oral e o modo de construção social de cada indivíduo. Sem o uso da máscara nenhuma criança ou jovem passa no rito de iniciação. Cada máscara ou imagem tem a sua utilidade ou representação, o uso é feito em diferentes tipos de cerimônia e cada ganha o seu respeito diante da comunidade. As máscaras elas são sagradas por estas sociedades, elas serão usadas nos cultos dos ancestrais procurando uma relação com os deuses. Segundo Lima (1971), quem faz o uso da máscara é sempre alguém pertencente à família real, ou até mesmo quem fosse nomeado com cargos que o daria privilegio de fazer o uso da máscara, respeitando o poder sagrado que elas carregam.

O homem Tchokwe aparecia vestido com um escoramento retirado na árvore denominado *tchitepa*<sup>8</sup>, o nome desta vestimenta é chamado de *mwandji* na língua Tchokwe que o diferenciava de outros povos em sua forma de se vestir. Estas árvores têm um valor para a sua cultura e são reservadas para entrarem e produzirem a *mwandji*<sup>9</sup> para se cobrirem do frio e outros fenômenos naturais.

Os Tchokwes assim como outros grupos étnicos em África têm a cultura como elemento primordial da espiritualidade, sendo todos apologistas de que tudo na natureza contem vida e está mantido vivo. A arte aqui é olhada como meio de transmissão do saber tradicional passado de geração para geração.

Os documentos escritos por um registro sempre se mantiveram nas alterações das culturas que identifica ou caracteriza o grupo, passando sucessivamente em cada chefe de uma linhagem. A origem destes documentos muitas das vezes é passada com testemunho de cada fase em que a cultura sobre alteração.

Além dessas escrituras a tradição oral esta acompanhada na construção de identidades, as escritas resultam dos relatos de acontecimentos que se forma a história e assim o indivíduo obedece estes relatos como valor cultural. Existem documentos de relatos descrevendo a natureza dos Tchokwe, buscando a tradição presente na história expondo a diversidade registrada nas notas sobre como este grupo se estabeleceram. Com a então volta para o seu território de origem eles trazem consigo costumes de outros povos

---

<sup>8</sup>Tchitepa arvore onde é retirada o material para fazer as roupas

<sup>9</sup>Mwandji nome da roupa feito com escoramento da árvore acima citada

tendo influência na cultura em um modo geral. Estes relatos também apresentam uma separação do grupo não de uma forma radical, mas sim na medida em que se instalam numa aldeia o grupo vai se ramificar uns ficando na floresta e outros na terra prometida, com isso vai surgir as diferenciações nos hábitos culturais.

Porém este detalhe não define quem é mais Tchokwe do que o outro, pelo contrário só destaca mesmo os Tchokwe que vejam na floresta hábitos muito mais além do que no *tchiboco*<sup>10</sup>. Enquanto que os outros se destacam com o critério e hábitos diferente de quem está na floresta. Um dos elementos que caracteriza a cultura para ambos é a de sustentabilidade e a forma como se movem em torno da construção histórica. Problematizando este grupo étnico com a estabilidade se descentralizam na medida que dão um passo na sua história, isto é, vai surgindo consequência na liderança do grupo afetando a vida social de cada integrante do grupo em forma geral na política dos ancestrais.

### **Território Tchokwe no período da invasão colonial**

Quando aqui falo do período de invasão dos portugueses no território Lunda automaticamente estarei a incluir os Tchokwes pelo fato de ter a união dos mesmos e serem assim atribuído o nome de Lunda Tchokwe. Isso só vai ser chamado assim quando os grandes chefes Tchokwes decidiram voltar nas terras de origem, que então era habitada pelos Lunda.

Com a invasão dos portugueses no território angolano, a instalação e a dominação não se deu em grande parte na região Lunda, tudo porque uma parte deste mesmo território era de interesse belga, isto é, a parte em que fazia fronteira com a república democrática do congo.

Em Angola antes do processo colonial a escravidão já estava consolidada em diferentes povos, as trocas de mercadorias entre os povos eram de uma forma a aumentar os cativos, e com a chegada dos europeus a partir da costa, as mercadorias eram apenas como mediador intensificados nos territórios de interesses para as trocas de tais mercadorias.

---

<sup>10</sup>Tchiboco espaço em que eles vão adotar como território próprio e de administração do poder de uma linhagem

Entre os Tchokwe do alto Kassai, as narrativas de *tchilombo* descrevem as estratégias políticas frente às caravanas escravagistas e às mercadorias européias. Nesse sentido, é do planalto central angolano após a submissão de Mama Jinga e o início das caravanas de negociantes Ambaquistas e Mbundu que as políticas de conversão de pessoas por mercadorias foram sendo impostas e contrapostas dialeticamente ao longo da história. As mercadorias européias interviam no regime de valor, na medida em que logo se tornavam *fetiches* e categorias de troca altamente valorizadas na circulação e nas relações sociais de dívidas entre famílias Tchokwe (MAYOR, 2010, p.53).

Neste período de conturbação as sociedades angolanas, o povo em toda parte do território procura criar formas para se manifestar de modo que os portugueses não conseguem entender, estas formas são codificadas em que eles sabiam o que se pretende fazer ou passar. As línguas como signo e símbolo de um povo vai ser padronizada ao ponto de que seja um elemento de fundamenta na manifestação contra a imposição portuguesa.

A cultura Tchokwe de uma forma ou de outra no período colonial é remetida um processo de reivindicação pelo grupo étnico sobre os portugueses que estavam cada vez mais se instalando nas terras indígenas, a produção de traços da cultura imaterial começa a ganhar espaço na manifestação da opressão dos colonizadores. Durante o período colonial português, podemos afirmar de forma abstrata ou genérica que a história do povo Tchokwe se baseia nos interesses pelos recursos que esta sociedade detinha e que era muito procurado pelos portugueses como o diamante. Para os portugueses a cultura Tchokwe é olhada num contexto primitivo, na qual é desvalorizado o que é produzido nestas sociedades, a fim de privilegiarem o que é produzido por eles dizendo que sua cultura é melhor do que as dos povos nativos.

Contextualizando mais os aspetos que dotados pelos portugueses neste período colonial, as tradições padronizadas pelos Tchokwes eram dadas como não civilização de modo a eles civilizarem estas sociedades. O colonialismo português no que diz respeito a situação histórica é determinado de forma concreta pelo fato de ser imposta hábitos e costumes de maneira brutal.

A cultura de uma forma ou de outra no período da colonização é remetida por um processo de reivindicação para os nativos dos grupos étnicos em Angola. A maneira que vão produzir traços da cultura imaterial o povo começa a adotar métodos de manifestação da opressão dos colonizadores. Aqui podemos levar em conta a identidade coletiva do ponto de vista de como estão agrupados os povos e de todos os conhecimentos de ritos,

ou do espaço envolvente da espiritualidade que se concentra o poder sagrado dos ancestrais. A identidade coletiva caminha diretamente com a história do grupo.

Em tal perspectiva, a identidade coletiva, no meu olhar, diretamente ao grupo Tchokwe esta identidade baseia-se em duas razões para analisar a própria ideologia de identidade que é: razão instrumental e a razão histórica

Razão instrumental consiste no poder que o colonialismo vai impor a nível da sociedade que vai legitimar esta identidade a fim de determinar o que eles devem fazer na medida da cultura europeia. Razão histórica consiste na construção ideológica do processo de identidade a fim de continuarem com a mesma prática da ancestralidade, que caracteriza de uma forma a história de seu povo

Este processo colonial nas sociedades Tchokwe conceitua uma profunda relação entre as formas de ruptura na identidade cultural do mesmo povo, e de um modo em geral no território angolano, as lacunas encontradas na articulação da relação imposta pelo colonialismo visa causar desconforto no próprio nativo o obriga a deixar o uso da sua cultura, dotando assim novas imposições coloniais.

## **5. METODOLOGIA**

Para viabilizar a pesquisa que se propõe a entender o processo de construção ou constituição identitária dos Tchokwes, fica evidente a importância de acompanhar o percurso deste grupo considerando sua ligação com o império Lunda em período anterior, uma vez que a abordagem histórica proposta neste projeto toma como referência a identificação dos seus hábitos culturais, sua forma de representação, além de sua mobilidade e forma de interação com os outros povos ao longo da sua trajetória na época em destaque.

Nesta pesquisa, usaremos também documentos e matérias de escultura que relatam a identidades cultural dos Tchokwe disponíveis no museu de antropologia de Luanda e no museu do Dundo. Entre os materiais de escultura que utilizaremos, estão, por exemplo, a Máscara da Mukixi Muana Puo, que representa a jovem mulher. Tal máscara está na sociedade Tchokwe a muitos anos como símbolo da cultura (anexo 2). Além disso, também recorreremos a uma representação cartográfica (mapa) para analisar a mobilidade dos Tchokwe nas zonas que vão percorrer durante o desafio de encontrar o território próprio, incluindo também os locais onde o grupo sofre as fragmentações. Este

mapa está disponível no Museu do Dundo como registo escrito e disponível em Memória de África e do Oriente (anexo 2).

Optamos, então, pela abordagem qualitativa de pesquisa, que dá a possibilidade ao pesquisador fazer um levantamento de dados com base no estudo qualitativo, expondo as questões do tema que se vai estudar (CRESWELL, 2010). Desse modo, a intenção no método é expor e ter domínio do objeto de estudo, envolvendo os fatores de clarividência do fenômeno que a pesquisa se vai centralizar.

Em termos operacionais, nossa proposta de pesquisa também se pretende a um levantamento bibliográfico de teses e dissertações, além de artigos e capítulos de livros que façam alguma abordagem do tema, levando em conta os dados “secundários” por se tratar de resultados apresentados por outros autores.

Este projeto de pesquisa é feito um recorte temporal desde o ano de 1883 à 1893, sendo um período que expressa os conflitos interno que vai se dar no território Lunda e a então formação do grupo Tchokwe que vai demarcar seu território próprio.

### **Tradição oral, cultura material e imaterial**

Além da busca e da análise das fontes documentais sobre o tema e o objeto específico de estudo aqui abordado neste projeto, também nos propomos a recorrer às fontes orais, uma vez que as tradições orais do grupo Tchokwe estão registradas de forma presente nos contos transmitidos pelos historiadores e os anciãos que fazem parte do conselho do grupo étnico, os *Tubungo*. Nas sociedades tradicionais Tchokwe a fala mais ouvida é dos anciãos por ele carregar o conhecimento da tradição oral do povo.

Ao discutir sobre a importância e a complexidade da tradição oral nas sociedades africanas, Vansina (2010) destaca que, com base na realidade e não na ausência, a oralidade pode ser tratada como atitude de memórias coletivas ou individual, sendo que as apresentações de contos podem ser repassadas como acontecimento de um grupo e também pode ser quando estamos diante de acontecimentos que nos caracteriza. Ainda segundo o autor:

Uma tradição é uma mensagem transmitida de uma geração para a seguinte. Mas nem toda informação verbal é uma tradição. Inicialmente, distinguimos o *testemunho ocular*, que é de grande valor, por se tratar de uma “imediate”, não transmitida, de modo que os riscos de distorção do conteúdo são mínimos. Aliás, toda tradição oral legítima deveria, na realidade, fundar-se no relato de um testemunho ocular[...] Ao fim, ele se torna tão distorcido que só pode ter valor como

expressão da reação popular diante de um determinado acontecimento, podendo, no entanto, também dar origem a uma tradição, quando é repetido por gerações posteriores. Resta, por fim, a tradição propriamente dita, que transmite evidências para as gerações futuras (VANSINA, 2010, p. 142).

É interessante pesquisar máscaras pelo valor simbólico que as mesmas apresentam na constituição como elemento da cultura material e imaterial do povo Tchokwe. As máscaras de um certo modo elas representam símbolos sagrado na cultura de um determinado grupo étnico em Angola. Além das máscaras pretendemos analisar também outros artefatos, de fontes como os utensílios de produção Tchokwe destacando-se por: pente, instrumentos musicais, cepo, cadeira, cestos, painéis e outros materiais utilizado nesta sociedade. Os elementos de fontes utilizado na pesquisa estão localizados no quadro de (anexo 2).

Estas fontes são de grande importância como elementos, na interpretação e constituição a cultura Tchokwe, onde elas têm significado simbólico na identidade do grupo étnico.

## 6. CRONOGRAMA

MES/ETAPAS	Mês/ano	Set	Out	Nov	Dez	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun
Escolha do tema		<b>X</b>									
Levantamento bibliográfico			<b>X</b>								
Elaboração do anteprojeto				<b>X</b>							
Apresentação do projeto							<b>X</b>				
Coleta de dados											
Organização do roteiro/partes											
Redação do trabalho					<b>X</b>						
Revisão e redação final										<b>X</b>	
Entrega do TCC											<b>X</b>
Defesa do TCC										<b>X</b>	

## 7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARTH, Frederik, (1976). *Los grupos étnicos y sus fronteras: la organización social de las diferencias culturales*. México: Fondo de Cultura Económica.

CRESWELL, John. W. projeto de pesquisa: **métodos qualitativo, quantitativo e misto**/ John. W. Creswell; tradução Luciana de Oliveira da Rocha.- 2.ed.- Porto Alegre: Artmed,2007

Hall, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**, DP&A Editora, 1ª edição em 1992, Rio de Janeiro, 11ª edição em 2006, tradução: tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro

\_\_\_\_\_. **Dá diáspora: identidade e mediações culturais**. Belo Horizonte: editora UFMG, 2011.

HISTÓRIA GERAL DA ÁFRICA • Metodologia e pré-história da África EDITOR JOSEPH KI-ZERBO-2.ed. ver- Brasília: UNESCO, 2010. Cap. VII. Tradição oral. Pag. 139- 166

Le Golf, Jacques, 1924- **História e memória**. Tradução Bernardo Leitão... [et al.]- 5º ed.- campinas, SP: Editora da unicamp, 2003

LIMA, Mesquitela (1971) **Funções sociológicas dos figurinos de culto hamba na sociedade Tshokwé (Angola)**. Luanda: IICA.

MAYOR, Bruno Brant Sotto. De brasas que atravessam o fogo: **alguma antropologia entre os Tchokwe de Angola**. Universidade Federal do Rio de Janeiro, UFRJ. Disponível em: <<http://livros01.livrosgratis.com.br/cp147591.pdf>> acesso em 28 Out. 2017

PANTOJA, Selma. Uma antiga civilização africana: **história da África central oriental**. Editora Universidade de Brasília, 2011.

POUTIGNAT, Philippe; Jocelyne Streiff-Fernart. Teoria da Etnicidade: **seguido de grupos étnicos e suas fronteiras de Fredrik Barth**. Tradução Elcio Fernandes.-2.ed.- São Paulo: Ed. Unesp, 2011. 250p.

SONGA, Eufrásia Nahako; Dias, Luciene de Oliveira. **Língua vs Cultura: Diferenças linguísticas e a aproximação-distanciamento entre Angola e Brasil**. Universidade Federal de Goiás, Goiânia, GO. 2013

TAVARES, Ana Paula Ribeiro (2009). **História e Memória: estudo sobre as sociedades lunda e cokwe de Angola**. Faculdade de Ciências Sociais e Humanas FCSH. Universidade Nova de Lisboa. Disponível em:<<https://run.unl.pt/bitstream/10362/13887/1/História%20e%20Memória.pdf>> acesso em: 26 de Out. 2017



**ANEXOS**

## ANEXO 1

Tipo	Tema	Assunto	Localização	Acesso
Digital	As máscaras de madeira na sociedade Tchokwe	Diferenciação nos dois grupos de máscaras as de resina e de madeira usada como valores na tradicionais e nos cultos cerimoniais para os ancestrais	Memória de África e do Oriente (Museu do Dundo/Diamang) <a href="http://memoria-africa.ua.pt/Library/Diamang.aspx">http://memoria-africa.ua.pt/Library/Diamang.aspx</a>	<a href="http://memoria-africa.ua.pt/Library/ShowImage.aspx?q=/diamang/diamang-v31&amp;p=15">http://memoria-africa.ua.pt/Library/ShowImage.aspx?q=/diamang/diamang-v31&amp;p=15</a>
Digital	Pintura e Manifestação Cultural	A pintura nas casas é tida como arte popular nas sociedades Tchokwe, conferida como manifestação artística, e é compreendida em grande valor na alma do povo	Memória de África e do Oriente (Museu do Dundo/Diamang) <a href="http://memoria-africa.ua.pt/Library/Diamang.aspx">http://memoria-africa.ua.pt/Library/Diamang.aspx</a>	<a href="http://memoria-africa.ua.pt/Library/ShowImage.aspx?q=/diamang/diamang-v18&amp;p=10">http://memoria-africa.ua.pt/Library/ShowImage.aspx?q=/diamang/diamang-v18&amp;p=10</a>
Digital	Valor da cabaça na cultura material Tchokwe	A cabaça é um elemento da cultura material dos tchokwe com variedade no seu uso, ela destaca-se principalmente na conservação de água, leite, etc. É também usado na cozinha como pratos	Memória de África e do Oriente (Museu do Dundo/Diamang) <a href="http://memoria-africa.ua.pt/Library/Diamang.aspx">http://memoria-africa.ua.pt/Library/Diamang.aspx</a>	<a href="http://memoria-africa.ua.pt/Library/ShowImage.aspx?q=/diamang/diamang-v57&amp;p=7">http://memoria-africa.ua.pt/Library/ShowImage.aspx?q=/diamang/diamang-v57&amp;p=7</a>
Digital	Buscando a vida no sobrenatural representado pela Arte, sociedade Tchokwe	Para os tchokwe a arte é uma vida material, espiritual e social que lhes torna como conservadores da cultura e de relíquias dos antepassados	Memória de África e do Oriente (Museu do Dundo/Diamang) <a href="http://memoria-africa.ua.pt/Library/Diamang.aspx">http://memoria-africa.ua.pt/Library/Diamang.aspx</a>	<a href="http://memoria-africa.ua.pt/Library/ShowImage.aspx?q=/diamang/diamang-v55-1&amp;p=37">http://memoria-africa.ua.pt/Library/ShowImage.aspx?q=/diamang/diamang-v55-1&amp;p=37</a>
Digital	O místico e Significado das máscaras para os Tchokwe	A máscara é mais do que um objeto material, que produz uma aparência e seu significado ultrapassa de material e o homem	Memória de África e do Oriente (Museu do Dundo/Diamang) <a href="http://memoria-africa.ua.pt/Library/Diamang.aspx">http://memoria-africa.ua.pt/Library/Diamang.aspx</a>	<a href="http://memoria-africa.ua.pt/Library/ShowImage.aspx?q=/diamang/diamang-v70&amp;p=30">http://memoria-africa.ua.pt/Library/ShowImage.aspx?q=/diamang/diamang-v70&amp;p=30</a>

		<p> mascarado, com uma afinidade da máscara traduz a sua vida íntima e social ao fazer o uso da mesma</p>		
Digital	<p> Representação Simbólica da mukixi muana puo</p>	<p> A mukixi muana puo defende a ideia de que a dança é primordial no encanto feminino, onde se aprecia a beleza da mulher e os homens da tribo ficam todos encantados pela magia da mulher</p>	<p> Memória de África e do Oriente (Museu do Dundo/Diamang)</p> <p><a href="http://memoria-africa.ua.pt/Library/Diamang.aspx">http://memoria-africa.ua.pt/Library/Diamang.aspx</a></p>	<p><a href="http://memoria-africa.ua.pt/Library/ShowImage.aspx?q=/diamang/diamang-v31&amp;p=17">http://memoria-africa.ua.pt/Library/ShowImage.aspx?q=/diamang/diamang-v31&amp;p=17</a></p>
Digital	<p> A Máscara e o Mascarado na Sociedade Africana</p>	<p> Nas sociedades africanas as máscaras hoje são mais divulgadas por elas expressarem a cultura de um dado povo, a máscara representa um papel importante nestas sociedades compreendendo que as mesmas são de um grande modo uma realidade completa.</p>	<p> Memória de África e do Oriente (Museu do Dundo/Diamang)</p> <p><a href="http://memoria-africa.ua.pt/Library/Diamang.aspx">http://memoria-africa.ua.pt/Library/Diamang.aspx</a></p>	<p><a href="http://memoria-africa.ua.pt/Library/ShowImage.aspx?q=/diamang/diamang-v70&amp;p=43">http://memoria-africa.ua.pt/Library/ShowImage.aspx?q=/diamang/diamang-v70&amp;p=43</a></p>
Digital	<p> Significado de se mascarar em cultos cerimônias na cultura Tchokwe</p>	<p> Expressa uma aparição única, na riqueza traduzindo uma emoção, sentimentos e estado de espírito podendo então afirmar que o homem é um ser mascarado</p>	<p> Memória de África e do Oriente (Museu do Dundo/Diamang)</p> <p><a href="http://memoria-africa.ua.pt/Library/Diamang.aspx">http://memoria-africa.ua.pt/Library/Diamang.aspx</a></p>	<p><a href="http://memoria-africa.ua.pt/Library/ShowImage.aspx?q=/diamang/diamang-v70&amp;p=31">http://memoria-africa.ua.pt/Library/ShowImage.aspx?q=/diamang/diamang-v70&amp;p=31</a></p>
Digital	<p> A importância da máscara na iniciação dos jovens, em sociedade Tchokwe</p>	<p> O mundo humano, com o simbolismo que caracteriza a história do grupo étnico as utilizações de máscara são constantes em sociedade</p>	<p> Memória de África e do Oriente (Museu do Dundo/Diamang)</p> <p><a href="http://memoria-africa.ua.pt/Library/Diamang.aspx">http://memoria-africa.ua.pt/Library/Diamang.aspx</a></p>	<p><a href="http://memoria-africa.ua.pt/Library/ShowImage.aspx?q=/diamang/diamang-v70&amp;p=45">http://memoria-africa.ua.pt/Library/ShowImage.aspx?q=/diamang/diamang-v70&amp;p=45</a></p>

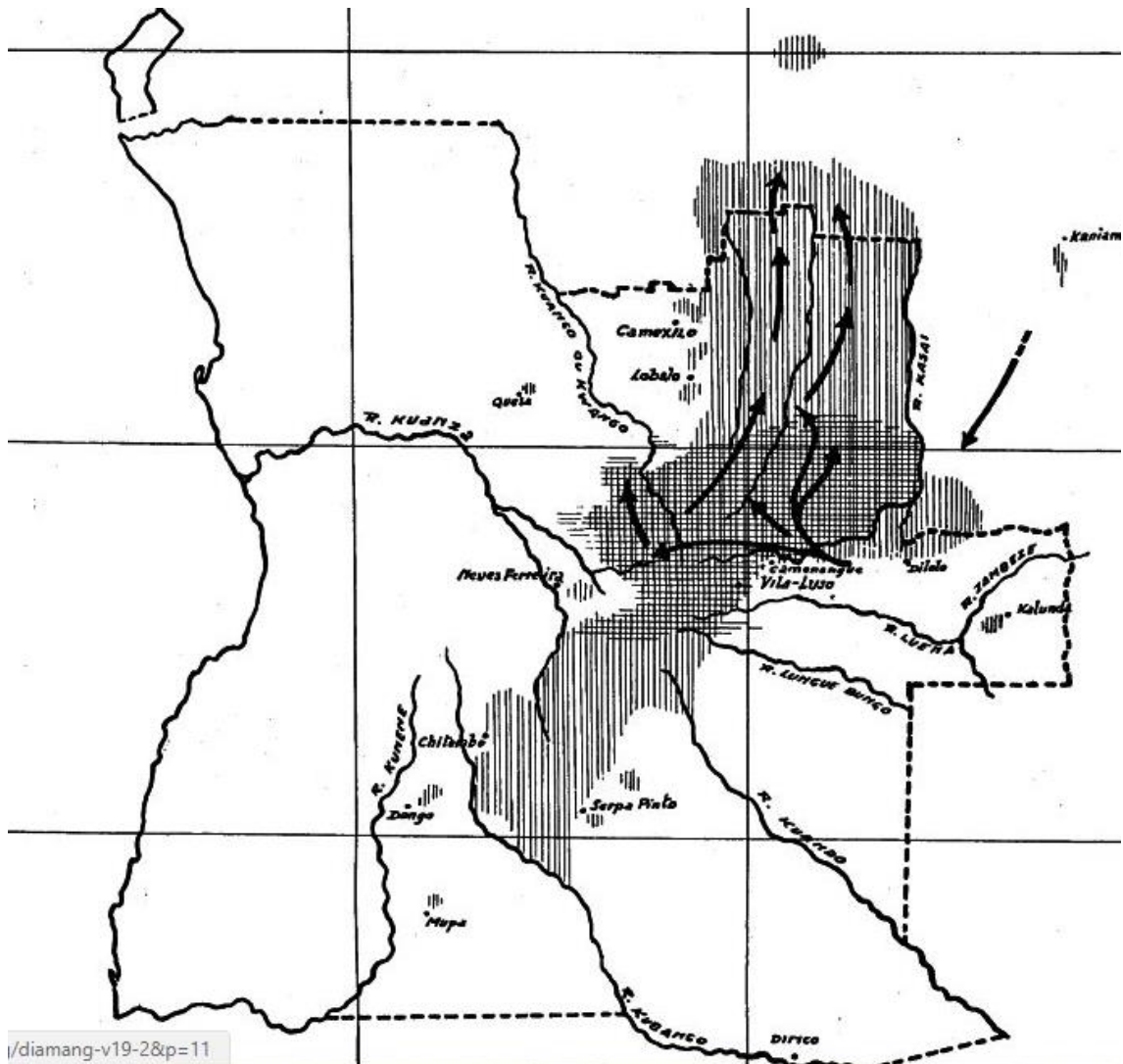
		eticamente associada		
Digital	A pulseira como poder místico, e de proteção	Para os Tchokwe a pulseira detém o poder de controlar os ataques perigosos, e admitem a ideia de que a pulseira é dirigida por forças de feitiçaria como proteção	Memória de África e do Oriente (Museu do Dundo/Diamang) <a href="http://memoria-africa.ua.pt/Library/Diamang.aspx">http://memoria-africa.ua.pt/Library/Diamang.aspx</a>	<a href="http://memoria-africa.ua.pt/Library/ShowImage.aspx?q=/diamang/diamang-v19-2&amp;p=24">http://memoria-africa.ua.pt/Library/ShowImage.aspx?q=/diamang/diamang-v19-2&amp;p=24</a>
Digital	Ocupação de território no final do século XVI e princípios do século XVII, no Nordeste de Angola	Historicamente a ocupação de território nos Tchokwe deu com o Tchinguri passando assim no rio Kassai, destacando também o seu forte na tradição que carregavam.	Memória de África e do Oriente (Museu do Dundo/Diamang) <a href="http://memoria-africa.ua.pt/Library/Diamang.aspx">http://memoria-africa.ua.pt/Library/Diamang.aspx</a>	<a href="http://memoria-africa.ua.pt/Library/ShowImage.aspx?q=/diamang/diamang-v70&amp;p=68">http://memoria-africa.ua.pt/Library/ShowImage.aspx?q=/diamang/diamang-v70&amp;p=68</a>
Digital	O povo e suas representações culturais no território Tchokwe	No censo para determinar as representações culturais do povo, primeiramente é olhado a classificação existente do quadro panorâmico do grupo e dos fatos históricos	Memória de África e do Oriente (Museu do Dundo/Diamang) <a href="http://memoria-africa.ua.pt/Library/Diamang.aspx">http://memoria-africa.ua.pt/Library/Diamang.aspx</a>	<a href="http://memoria-africa.ua.pt/Library/ShowImage.aspx?q=/diamang/diamang-v70&amp;p=70">http://memoria-africa.ua.pt/Library/ShowImage.aspx?q=/diamang/diamang-v70&amp;p=70</a>
Digital	Outros povos, cultura e a construção histórica dos Tchokwes	Na medida em que os Tchokwes percorrem os lugares que se dá como acampamento, vai se ligar e formar novos povos como elemento físico e cultural	Memória de África e do Oriente (Museu do Dundo/Diamang) <a href="http://memoria-africa.ua.pt/Library/Diamang.aspx">http://memoria-africa.ua.pt/Library/Diamang.aspx</a>	<a href="http://memoria-africa.ua.pt/Library/ShowImage.aspx?q=/diamang/diamang-v70&amp;p=79">http://memoria-africa.ua.pt/Library/ShowImage.aspx?q=/diamang/diamang-v70&amp;p=79</a>
Digital	Estruturação de acordo com o direito materno nas sociedades Tchokwe	De acordo com a edificação dos grupos étnicos, as sociedades eram totalmente aristocráticas e o poder dos chefes é divino e sobrenatural tendo em conta a	Memória de África e do Oriente (Museu do Dundo/Diamang) <a href="http://memoria-africa.ua.pt/Library/Diamang.aspx">http://memoria-africa.ua.pt/Library/Diamang.aspx</a>	<a href="http://memoria-africa.ua.pt/Library/ShowImage.aspx?q=/diamang/diamang-v70&amp;p=82">http://memoria-africa.ua.pt/Library/ShowImage.aspx?q=/diamang/diamang-v70&amp;p=82</a>

		grandiosidade que os anciões vão em busca		
Digital	A espiritualidade e das máscaras como símbolo dos ancestrais	Os grupos étnicos estão agrupados na similaridade da cultura, e as máscaras detém o poder do espírito dos antepassados	Memória de África e do Oriente (Museu do Dundo/Diamang) <a href="http://memoria-africa.ua.pt/Library/Diamang.aspx">http://memoria-africa.ua.pt/Library/Diamang.aspx</a>	<a href="http://memoria-africa.ua.pt/Library/ShowImage.aspx?q=/diamang/diamang-v70&amp;p=91">http://memoria-africa.ua.pt/Library/ShowImage.aspx?q=/diamang/diamang-v70&amp;p=91</a>
Digital	Simbologia na máscara mukixi como elemento mitológico para os Tchokwe	Este símbolo representa o poder espiritual e é caracterizada por uma indumentária e, com uma força social, destacando os valores dos antepassados aparecendo ao público mascarado para não ser reconhecido	Memória de África e do Oriente (Museu do Dundo/Diamang) <a href="http://memoria-africa.ua.pt/Library/Diamang.aspx">http://memoria-africa.ua.pt/Library/Diamang.aspx</a>	<a href="http://memoria-africa.ua.pt/Library/ShowImage.aspx?q=/diamang/diamang-v70&amp;p=101">http://memoria-africa.ua.pt/Library/ShowImage.aspx?q=/diamang/diamang-v70&amp;p=101</a>
Digital	A importância da máscara mukixi no ritual de circuncisão na sociedade Tchokwe	A máscara como o mascarado têm papel importante na iniciação de jovens, descrevendo assim o ciclo da mukanda e é observada limitações em regiões a existência de alguns mascarados que não faziam parte do ritual	Memória de África e do Oriente (Museu do Dundo/Diamang) <a href="http://memoria-africa.ua.pt/Library/Diamang.aspx">http://memoria-africa.ua.pt/Library/Diamang.aspx</a>	<a href="http://memoria-africa.ua.pt/Library/ShowImage.aspx?q=/diamang/diamang-v70&amp;p=110">http://memoria-africa.ua.pt/Library/ShowImage.aspx?q=/diamang/diamang-v70&amp;p=110</a>
Digital	Saiote como material e formas de usar pelo mascarado da mukixi, no território Tchokwe	Estes saiotes são totalmente diferentes em determinadas regiões e as formas de confeccionar estes saiotes diferem dos outros povos que fazem uso desta máscara	Memória de África e do Oriente (Museu do Dundo/Diamang) <a href="http://memoria-africa.ua.pt/Library/Diamang.aspx">http://memoria-africa.ua.pt/Library/Diamang.aspx</a>	<a href="http://memoria-africa.ua.pt/Library/ShowImage.aspx?q=/diamang/diamang-v70&amp;p=137">http://memoria-africa.ua.pt/Library/ShowImage.aspx?q=/diamang/diamang-v70&amp;p=137</a>
Digital	Formas de como são decoradas as máscaras nos Tchokwe que	Dando outras características a decoração destas máscaras têm um significado possível e	Memória de África e do Oriente (Museu do Dundo/Diamang)	<a href="http://memoria-africa.ua.pt/Library/ShowImage.aspx?q=/diamang/diamang-v70&amp;p=138">http://memoria-africa.ua.pt/Library/ShowImage.aspx?q=/diamang/diamang-v70&amp;p=138</a>

	vai diferir das outras	muitas das vezes elas não contem uma interpretação considerável	<a href="http://memoria-africa.ua.pt/Library/Diamang.aspx">http://memoria-africa.ua.pt/Library/Diamang.aspx</a>	
Digital	A história Tchokwe repassada por base de contos Oraís	Para os tchokwe a medida em que vai ser repassada a história por base de contos, a cultura ganha sentidos de construção e materialização de elementos que os caracteriza	Memória de África e do Oriente (Museu do Dundo/Diamang) <a href="http://memoria-africa.ua.pt/Library/Diamang.aspx">http://memoria-africa.ua.pt/Library/Diamang.aspx</a>	<a href="http://memoria-africa.ua.pt/Library/ShowImage.aspx?q=/diamang/diamang-v83&amp;p=32">http://memoria-africa.ua.pt/Library/ShowImage.aspx?q=/diamang/diamang-v83&amp;p=32</a>
Digital	Os elementos materiais usados pelos bailarinos de	O bailarino usa elementos como faca e furador de ferro que serve para abrir a máscara e a manta de renda que cobre o corpo do bailarino	Memória de África e do Oriente (Museu do Dundo/Diamang) <a href="http://memoria-africa.ua.pt/Library/Diamang.aspx">http://memoria-africa.ua.pt/Library/Diamang.aspx</a>	<a href="http://memoria-africa.ua.pt/Library/ShowImage.aspx?q=/diamang/diamang-v31&amp;p=19">http://memoria-africa.ua.pt/Library/ShowImage.aspx?q=/diamang/diamang-v31&amp;p=19</a>
Digital	O mestre escultor e o bailarino nas sociedades tchokwe	A identidade do bailarino é totalmente secreta onde o escultor ou a comunidade, a fim de respeitarem a crença existente neste povo	Memória de África e do Oriente (Museu do Dundo/Diamang) <a href="http://memoria-africa.ua.pt/Library/Diamang.aspx">http://memoria-africa.ua.pt/Library/Diamang.aspx</a>	<a href="http://memoria-africa.ua.pt/Library/ShowImage.aspx?q=/diamang/diamang-v31&amp;p=20">http://memoria-africa.ua.pt/Library/ShowImage.aspx?q=/diamang/diamang-v31&amp;p=20</a>
Digital	Produção de escultura na sociedade Tchokwe no séc. XX e o começo do séc. XXI	A escultura de modo geral, está presente ativamente nesse povo. Sofrem alguns retoques na sua qualidade onde os detalhes quanto as linhas e são visíveis, ou seja, a escultura do antes não é a mesma de hoje	Memória de África e do Oriente (Museu do Dundo/Diamang) <a href="http://memoria-africa.ua.pt/Library/Diamang.aspx">http://memoria-africa.ua.pt/Library/Diamang.aspx</a>	<a href="http://memoria-africa.ua.pt/Library/ShowImage.aspx?q=/diamang/diamang-v31&amp;p=22">http://memoria-africa.ua.pt/Library/ShowImage.aspx?q=/diamang/diamang-v31&amp;p=22</a>

ANEXO 2

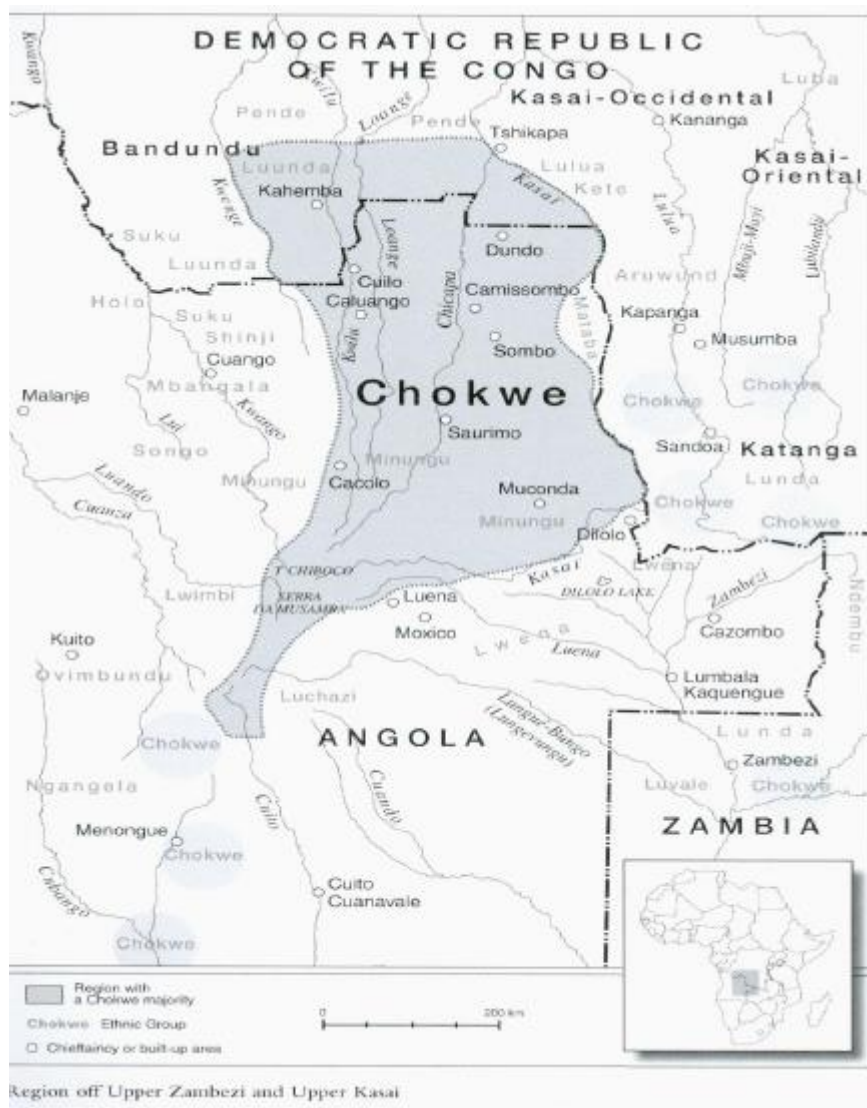
Figura 1: Mapa com indicações da mobilidade dos Tchokwe no século XIX.



/diamang-v19-2&p=11

FONTE: Boletim Cultural Memória da África e do Oriente

Figura 2: Mapa da localização dos Tchokwe no território

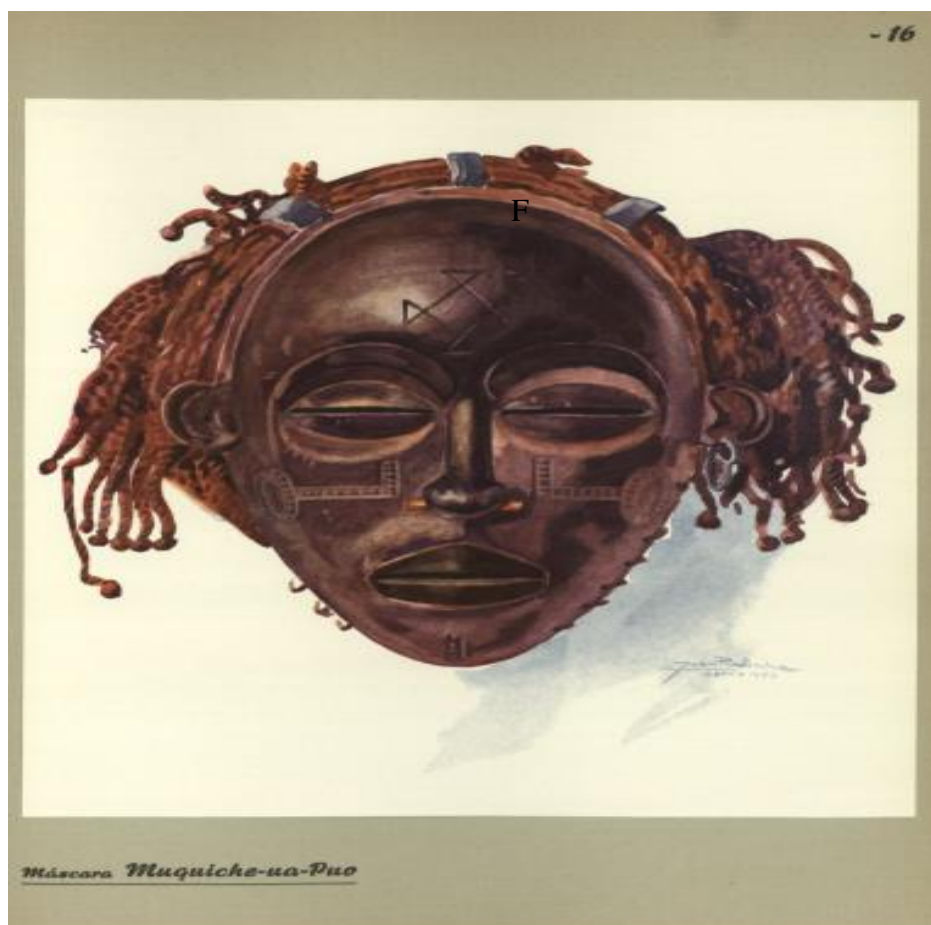


FONTE: Mayor (2010).



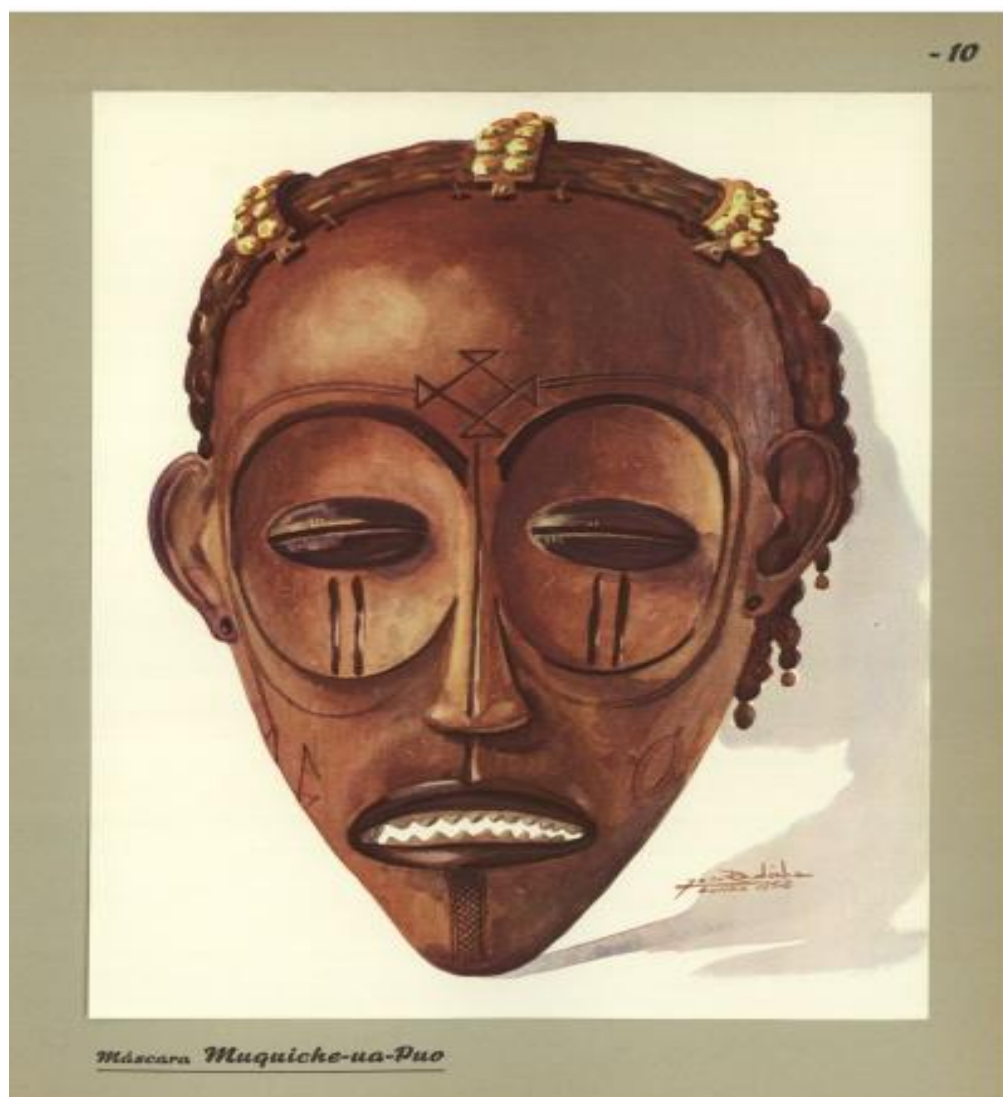
## ANEXO 3

Figura 3



FONTE: Boletim Cultural Memória da África e do Oriente

Figura 4



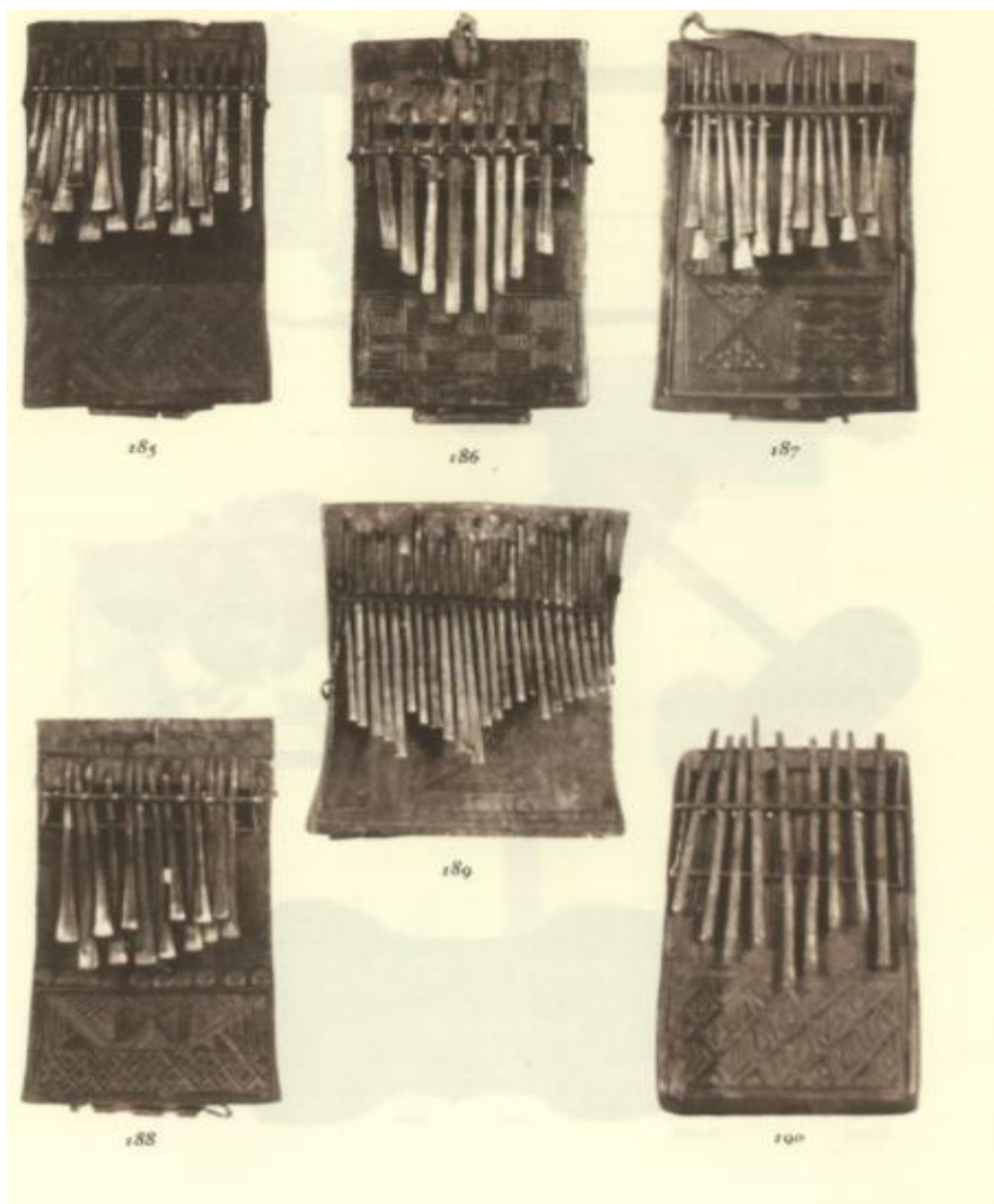
FONTE: Boletim Cultural Memória da África e do Oriente

Figura 5



FONTE: Boletim Cultural Memória da África e do Oriente

Figura 6



FONTE: Boletim Cultural Memória da África e do Oriente

Figura 7



FONTE: Boletim Cultural Memória da África e do Oriente

Figura 8



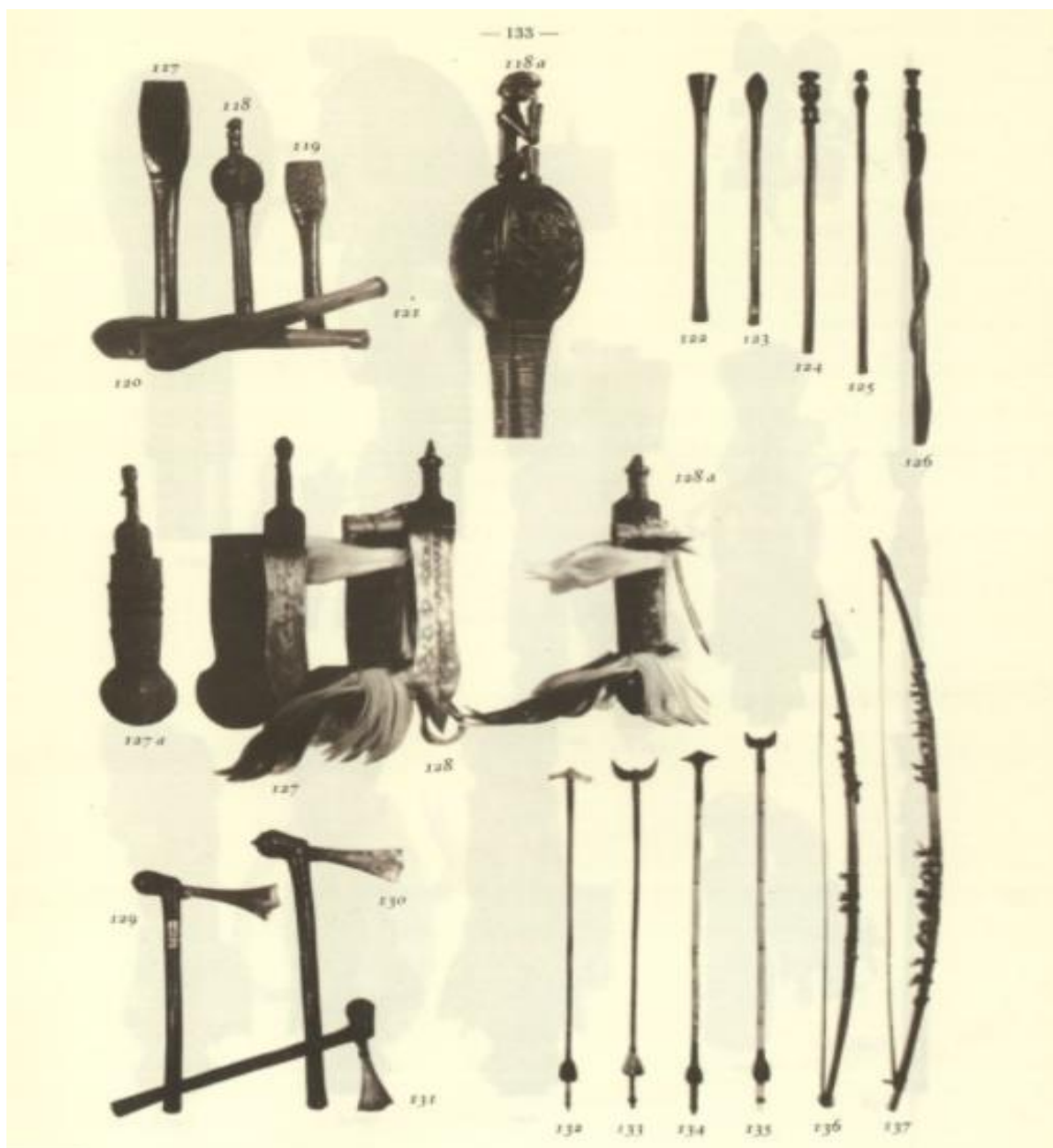
FONTE: Boletim Cultural Memória da África e do Oriente

Figura 9



FONTE: Boletim Cultural Memória da África e do Oriente

Figura 10



FONTE: Boletim Cultural Memória da África e do Oriente

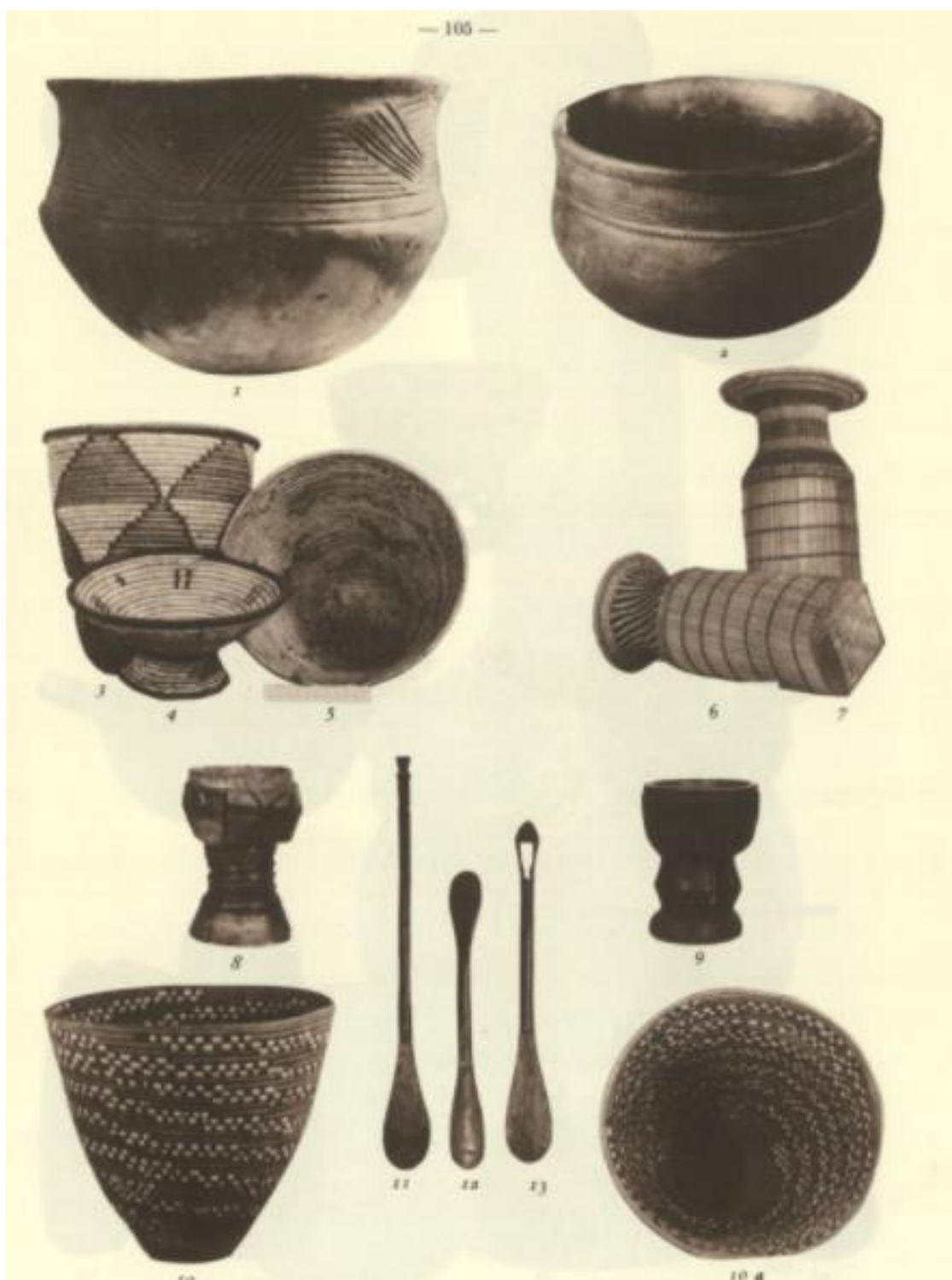


Figura 11



FONTE: Boletim Cultural Memória da África e do Oriente

Figura 12



FONTE: Boletim Cultural Memória da África e do Oriente

Figura 13



FONTE: Boletim Cultural Memória da África e do Oriente

Figura 14



FONTE: Mayor (2010).

### **Descrição das Figuras**

Fig. 1, 2- representação da máscara Mukixi Muana Puo

Fig. 3- Representação do bailarino na sociedade Tchokwe

Fig. 4- Representação de mapa sobre a mobilidade dos Tchokwe nos meados do séc. XIX

Fig. 5- Representação de mapa sobre a localização dos Tchokwe

Fig. 6- Instrumento de música usada nas cerimônias tradicionais Tchokwe e outros grupos étnicos

Fig. 7- Representação de cepo (bengala usada pelos anciãos)

Fig. 8- Diferentes ditos de máscaras que representa a jovem mulher Tchokwe

Fig. 9- Representação de utensílio da cozinha ou também usada para pisar medicamentos tradicionais (ervas)

Fig. 10- Materiais usados para a caça artesanal

Fig. 11- Representação de instrumentos usados na cabeça tais como pente, chapéu, e pico para prender o cabelo

Fig. 12- Panelas e cestos usados na cozinha

Fig. 13- cadeira utilizada pelos chefes Tchokwe

Fig. 14- Tchibinda Ilunga